

U. 6

△

ENSAIOS BIOGRAPHICOS

POR

MOREIRA DE AZEVEDO



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. A. DE ALMEIDA

Rua de S. Pedro n. 131

1861



13.550
1956.

ENSAIOS BIOGRAPHICOS.

I.

D. ANTONIO FILIPPE CAMARÃO.

A gratidão nacional é não só um dever para com aquelles, que foram os benemeritos da patria, como tambem torna-se um incentivo, um hymno de animação para aquelles, que desejam fazer alguma cousa pela terra do seu berço; é um sentimento patriótico e civilizador.

A patria deve resuscitar a memoria dos seus filhos, que foram illustres, deve leval-os á posteridade, levantando sobre seus tumulos columnas e estatuas, para que os vindouros leiam nos livros de marmore a gratidão do paiz, procurando imitar aquelles, que tanto merecêram dos seus antepassados.

E' assim que procedem os povos, onde a civilisação tem feito progressos.

Visitai as cidades da Europa, percorrei as suas praças, os seus passeios, e vereis os monumentos, as columnas, as estatuas, povoando esses passeios e essas praças. O granito e o bronze como que resuscitam então aquelles, que foram os heroes da patria; e o povo se anima, se enthusiasma, lendo no marmore e no bronze as glorias e a gratidão do paiz.

Mas sepultar na obscuridade os heroes da nação, é condemnar a um ostracismo horrivel a memoria daquelles que tanto fizeram pela terra que lhes servio de berço.

Antonio Filippe Camarão era um indio natural dos sertões do Ceará; os indios o chamavam Poty, que significa camarão.

E' natural que pertencêsse á tribu dos Tabayares, porque eram esses os indios que elle governava.

Reunido á causa da civilisação e da liberdade da patria, prestou sempre relevantes serviços na capitania do Ceará, contra os francezes na costa do norte, e contra os hollandezes na Bahia e Pernambuco.

Enviado á Goyana em Julho de 1635 desbarata o general



hollandez Architofts, destroe os reductos do inimigo, e volta aos seus carregado de munições e coberto de louro e gloria.

Em Cunhaú, em Porto Calvo, nos campos dos Guararapes combate como um soldado da antiga Roma, amedronta o inimigo com a sua coragem ; as suas armas tornam-se o flagello de seus adversarios, dão morte ao peito que ferem. Os inimigos o chamam o anjo do exterminio, os seus o julgam o heroe dos combates.

Em 1645 lhe foi dado o sitio de Sebastião de Carvalho para quartel do seu terço. Era de todos os pontos o mais arrisado ; porém Frei Rafael de Jesus diz : « as emprezas o especavam sempre com as victorias, e ganhou tantas victorias quantas foram as occasiões em que pelejou. »

Nesse mesmo anno assiste ao ataque da ilha de Itamaracá, e ahí dá derrota aos inimigos, e victoria aos seus. O Sr. Varnhagem diz que Camarão fôra ferido nesse combate, mas Beauchamp assevera, que esse valente indio não recebera ferida alguma.

Valeroso, cheio de amor pelo seu paiz, combatia com tanto ardor, que era olhado com assonbro pelos inimigos, e com respeito pelos seus ; contava os seus combates pelas suas victorias.

Pelos seus importantes serviços El-Rei o fez general dos indios da sua nação, e o nomeou cavalleiro e commendador de Christo, com o titulo de Dom e fôro de fidalgo.

Poucos mezes depois da primeira batalha dos Guararapes, falleceu Filippe Camarão de enfermidade, sendo sepultado na igreja do arraial. Os soldados choraram a morte de tão distincto guerreiro, desse que fôra o anjo das victorias e heroe da patria, e que morrera combatendo pela sua terra, pelo seu Deos, e pelo seu rei.

D. Antonio Filippe Camarão era não só guerreiro distincto e bravo, como tambem homem cortez e affavel ; sabia servir a patria e a igreja, e era tão religioso, que todos os dias ouvia missa, e debaixo das suas vestes guerreiras trazia sempre as imagens de Christo e da Virgem Santa.

Apezar de fallar e escrever bem o portuguez, e de não ser estranho ao latim, nunca quiz deixar de fallar a lingua de seus paes, e para fazer comprehender-se servia-se de interpretes.

Amava tanto a linguagem que aprendera nas mattas, que lhe fôra ensinada pelos seus maiores, que nunca a desejou esquecer.

Era como Filippe II que desejava que só se fallasse a lingua hespanhola.

Rocha Pitta, fallando de tão illustre indio, diz: « contou os annos de sua vida pelos seus triumphos ; » e o Sr. Varnhagem accrescenta : « era um typo de soldado modesto, que combate pela patria na idéa de não ter feito mais do que o seu dever. »

Filippe Camarão, esse homem que nascera selvagem, que se creara no meio dos bosques, acostumado a ouvir o bramir das feras, a dormir ao relento, a manejar o seu arco e flechas, elle, o rei das florestas, o filho da liberdade, abandona tudo, sahe do remanso da paz para abraçar os perigos da guerra, deixa a liberdade dos sertões para soffrer os encargos do soldado, e torna-se um guerreiro destemido, um homem civilizador, um cidadão religioso. Foi o leão que sahio das mattas para devorar o inimigo da sua patria, foi o selvagem que abandonou os sertões para abraçar a civilisação e para ser um heroe do paiz.

O poeta Natividade Saldanha em uma bella ode dedicada a tão grande heroe diz assim :

Brazilio Camarão, indio Mavorte,
Recebe com prazer esta capella
Que te consagra o vate :
Com ella adorna a fronte ;
E da fama loquaz no excelso templo
Aos futuros heroes dá nobre exemplo.

Mas o pequenino escriptor destas paginas não póde offerter corôas ao heroe brasileiro, apenas póde lançar sobre o seu jazigo uma lagrima.... uma saudade.



ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS.

Tudo o tempo destroe.

Os imperios os mais potentes, os mais altos monumentos, as maravilhas da architectura, os heroes de Phydias e de Canova, as telas de Rafael e de Van-Dieh, os livros de Cicero e de Tacito, tudo se despedaça, tudo se reduz a pó !

Onde estão as pyramides do Egypho, os muros de Babylo-
nia, esse Mausoleo de Caria, esses amphitheatros, esses tem-
plos ; onde esses palacios fundados sobre columnas de ouro !
O que é feito de Ninive, a cidade maior do mundo, de Mem-
phys, de Coryntho, de Carthago e de Jerusalem ! tudo o tem-
po desfez e sepultou.

Entretanto o tempo, o destruidor da materia, o Saturno da
creação, parece respeitar os nomes dos grandes homens ; elle
os eleva sobre as suas asas eternas, dando-lhes sempre vida e
gloria ! A velhice não lhes toca ; contra as leis da optica, pa-
recendo maiores atravez da distancia dos seculos, esses nomes
tornam-se os pharoes da historia.

Assim como o sol no occaso vai tornando maior a sombra
do corpo, assim os annos, os seculos, vão engrandecendo os
nomes dos sabios, dos genios e dos heroes !

É uma compensação da Providencia.

O homem-genio, o grande homem da historia, ou das le-
tras, passa ás vezes desapercibido e confundido pelas turbas ;
e quantas vezes não tem de maldizer-se por ter recebido da
natureza a espada de Alexandre, a penna de Cicero, a lyra de
Homero ! Quantas vezes Tasso não amaldiçoou o seu genio !

Hoje, que tres seculos nos separam de André Vidal de Ne-
greiros, vemos o seu nome cercado cada anno, cada seculo, de
mais fama e gloria ; parece que cada dia torna-se mais verde,
mais bella, a corôa immortal que lhe cinge a fronte.

É uma compensação de Deos.

André Vidal de Negreiros era filho da Parahyba. Depois de ter prestado relevantes serviços expulsando os hollandezes da Bahia em 1636 e 1638, sendo ferido em um combate dado perto do engenho de João Rebello de Lima; depois de ter alcançado gloria nos combates e honras no exercito, tendo já o posto de tenente coronel, determinou partir em 1644 para Pernambuco, afim de observar o poder, e as vantagens do inimigo, que devastava essa capitania. Tomando o pretexto de ir visitar alguns parentes na Parahyba, embarcou-se para Pernambuco, levando algumas armas destinadas a servir contra os adversarios da sua patria; mas sendo obrigado a vender essas armas aos oppressores do seu paiz, partio para a Parahyba a fallar com Fernandes Vieira. Ahi lhe fizeram vêr, com côres mais negras, as perseguições do inimigo. Desesperado e com o coração sangrando pela patria, voltou á Bahia.

Em 1645 dirige-se de novo a Pernambuco, procurando cada dia occasião de romper contra o adversario.

Afflicto pelas desgraças da patria, aguarda com sofreguidão o dia de poder manejar o braço e a espada.

A destruição de um pequeno navio, carregado de munições, deu-lhe pretexto para atacar os hollandezes.

Desde então tornou-se elle o guia de todos, o chefe dos seus, o heroe desse punhado de guerreiros, que se levantara contra os inimigos da sua terra.

Vidal não descansou mais; como Annibal parecia ter jurado não guardar a espada, em quanto não visse a patria livre e salva.

Apparece em todos os combates e em todos vence o inimigo; dir-se-ia que os louros das batalhas já lhe eram destinados pela Providencia; se combatia, vencia.

Em 1645 bate os hollandezes no engenho de Anna Paes; nesse mesmo anno derrota o estrangeiro perto do engenho de Antonio Fernandes Pessoa. Ahi uma bala passa-lhe pela copa do chapéo; os seus olhos turvam-se, o guerreiro vacilla, mas como que despertando de ligeira vertigem, apresenta-se mais bravo e destemido, e ganha a victoria.

Em 1646 o Rio Grande geme com as perseguições dos hollandezes, e pede soccorro; então o illustre guerreiro Vidal

offerece-se para ir perseguir o inimigo nessa direcção ; todos os do Congresso concordam com esse offerecimento : « conhecendo, como diz Frei Rafael de Jesus, que a empreza não podia levar maior homem pelo posto, pelo valor, pelo zelo, pela pratica, e pela fortuna. »

Depois de ter derrotado os hollandezes no Rio Grande e na Parahyba, coberto de gloria, e abençoado pelo povo, volta a Pernambuco. Os perigos o esperam, mas sabe vencel-os ; faz da guerra uma estrada de triumphos.

Na primeira batalha dos Guararapes accomette o inimigo de noite e o desbarata ; combate como Cesar ; uma bala mata-lhe o cavallo, mas elle tudo vence e sabe dar a victoria aos seus.

Na segunda batalha, do mesmo nome, combate como um heroe ; os maiores perigos desaparecem diante do seu valor e coragem.

Vamos apenas marcando os grandes passos desse bravo guerreiro ; para escrever toda a sua vida seria preciso ser Plutarco ou Camões.

Em 1654 toma o reducto de Milhon, e sabe ter piedade com os vencidos, permittindo a retirada de muitos.

Com mil e cem infantes ataca o forte das Cinco-Pontas. A empreza era arriscada e difficil, mas Vidal, o genio da guerra, supera tudo ; nesse combate é ferido em uma perna, porém anniquila com essa acção o poder dos hollandezes.

Tomado o forte, seguio-se a capitulação. Depois de ter conferenciado com o inimigo, fazendo todos os esforços para incluir no tratado de paz a terra do seu berço, a Parahyba, assigna o tratado de 1654, pelo qual os hollandezes entregaram a praça do Recife com todas as suas defensas, as capitánias de Itamaracá, Rio Grande e Parahyba.

Elle, que fôra o primeiro guerreiro dessa luta patriotica, foi tambem o encarregado de levar a feliz noticia da paz a el-rei D. João IV em Lisboa.

El-rei o recebe com agrado, e para recompensar os seus longos serviços, durante vinte annos de guerra, o nomea governador do Maranhão. Ainda lhe foi concedido o foro grande, uma commenda lucrativa na ordem de Christo, tendo elle já a commenda de S. Pedro, e as alcaidarias mores de Marialva e Moreira.

Foi nomeado tambem successor a Vieira no governo da Angola.

Vidal, amando a sua patria mais do que a si mesmo, era modesto como Cincinato e bravo como Scipião, combatia sem pensar nos premios, era o amor da patria que o guiava ; esquecia-se das injustiças e da gloria, para só pensar no seu paiz.

Os seus soldados eram os seus amigos.

Religioso como um santo instituio perto de Guayanna a capella da Senhora do Desterro, attribuindo á intercessão dessa santa as victorias alcançadas contra os hollandezes.

Partindo para Angola, fez ahi importantes serviços, salvando o imperio africano-portuguez pela victoria de Ambouilla.

E os nossos historiadores não relatam o anno e o lugar em que morreu tão distincto guerreiro, e nem se tem noticia do seu jazigo.

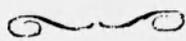
É triste confessar essas verdades, é triste o não se poder dar uma noticia completa dos primeiros heroes do Brasil, desses, como Vidal, que « Não hesitamos, diz o Sr. Varnhagem, apresentar como digno até de figurar em uma epopéa nacional.»

Fallando desse filho da Parahyba, diz o Padre Vieira em uma carta ao primeiro rei da casa de Bragança : « Tem V. Magestade mui poucos no seu reino, que sejam como André Vidal ; é tanto para tudo o demais, como para soldado ; muito christão, muito executivo, muito amigo da justiça e da razão, e sobretudo muito desinteressado. »

André Vidal, esse guerreiro, que viveu combatendo pelo Brasil, que tantas vezes foi ferido nos combates, que tornou-se aleijado de uma perna no campo de batalha ; André Vidal de Negreiros, o restaurador de Pernambuco ; André Vidal, o heroe dessas batalhas dos Guararapes, que constituem a epopea da nação, não tem uma columna, uma estatua levantada a seu nome em terras do Brasil !

Será esquecimento ou ingravidão da patria !

.



JAGUARARY.

Todas as nações, todos os povos procuram perpetuar as acções heroicas, os feitos grandiosos dos filhos do paiz.

Lá está um povo tecendo uma corôa de louro para ornar a fronte de um seu heroe ; lá vê-se outro erguendo uma columna para perpetuar uma gloria do seu paiz ; aqui uma nação levanta uma estatua que representa um benemerito ; ali é outra, que transforma em monumento o tumulo de um seu filho, que lhe deu renome e gloria.

E as nações, e os povos procuram multiplicar as tubas da fama para espalharem pelo universo um nome que é seu, uma gloria que é sua.

E nem esperam a morte para dar uma gloria posthuma aos seus heroes. Em 1810 Napoleão saúda a sua propria estatua collocada sobre a columna Vendome ; na Inglaterra o duque de Wellington tem a satisfação de vêr erguida, em uma praça de Londres, uma bella estatua para immortalisar os seus feitos !

E entre nós !... Nem depois que os annos, que os seculos, abençoam e engrandecem os nomes dos benemeritos do paiz, a nação se lembra delles e procura pagar a divida que lhes deve !

Os nossos benemeritos são desprezados ou esquecidos !

E parece até que não temos um nome para immortalisar ; que o nosso paiz é despido de glorias patrias, que a nossa historia é triste, pobre e mesquinha....

Mas o poeta Saldanha, diz :

E entretanto conheça o mundo todo
 Que entre o remoto povo brasileiro,
 Tambem se criam peitos mais que humanos
 Que não invejam Gregos nem Romanos.

.

Vamos hoje recordar o nome de um indio, que é um heroe do Brasil.

O indio Jaguarary era tio do celebre Antonio Filippe Camarão.

Quando os hollandezes se apoderaram da cidade da Bahia em 1633, aconteceu que a mulher e um filho do indio Jaguarary cahissem em poder do inimigo ; então Jaguarary, esposo e pai, deixou afflieto o campo da batalha e correu ao inimigo procurando recuperar esses, que eram os amores do seu coração.

Não diz a historia se o esposo fiel, se o pai carinhoso foi feliz na sua nobre tentativa.

Quando o guerreiro voltou aos portuguezes, apesar de se ter justificado, foi lançado no forte do Rio Grande.

O esposo, o pai esqueceu-se por um momento que era soldado e por isso foi preso.

Não acreditaram os portuguezes que o indio tivesse coração para amar mulher e filho ; julgaram-no traidor, e o condemnaram !

Por oito annos supportou Jaguarary os tormentos da miséria, a miseria do preso, as correntes do condemnado !

Na sua segunda invasão os hollandezes se apoderaram do forte do Rio Grande, e encontrando ahi o indio Jaguarary, deram-lhe liberdade.

Então o filho das mattas do Brasil, abandonando os seus libertadores, correu á sua aldêa, e cheio de enthusiasmo disse aos seus compatriotas :

« Os meus braços ainda estão marcados pelo peso das cadeias, das minhas feridas goteja ainda sangue ; estive captivo oito annos ! mas o captiveiro não é cousa infame, o crime sim. Os portuguezes foram ingratos comigo, mas quero lhes ser fiel ; o mesmo vos peço, principalmente agora, que elles lutam com o perigo. »

Tão bella acção, tanta generosidade, persuadiu e enthusiasinou os selvagens, que marcharam á testa de Jaguarary contra os oppressores do seu paiz.

Foi uma acção grandiosa a desse indio, semelhante a de Themistocles, que antes quiz envenenar-se, do que tomar armas contra a sua patria.



Conhecido pelo nome christão de Simão Soares, prestou o indio Jaguarary relevantes serviços, ganhando reputação e applauso.

O seu nome deve ser considerado como um dos mais bellos da nossa historia; o indio Jaguarary é um heroe da patria.

E entretanto muitos ignoram o nome desse indio, o desconhecem, o julgam um selvagem sem gloria nem renome!

Mas a culpa vem da patria.

Se o paiz procurasse immortalisar os seus heroes, se tratasse de perpetuar as suas glorias, mostrando nos monumentos, nas columnas, a gratidão nacional, o povo teria mais instrucção das cousas da patria, e comprehenderia melhor esse sentimento divino, essa religião pura chamada — patriotismo.



IV.

AMADOR BUENO DA RIBEIRA.

Tem-se desprezado tanto os nossos heroes, tão pouco se tem cuidado da nossa historia, que julga-se que o Brasil é apenas um paiz, onde se podem encontrar minas de ouro, de esmeraldas e de brilhantes, mas que o seu povo não tem heroismo, não tem glorias que recordar, não tem reminiscencias gratas do passado; que é um povo vasio de renome, cuja historia é simples e curta como uma lenda allemã!

As nações estranhas sabem que o Brasil é o paiz dos maiores rios, dos maiores montes, das maiores arvores; mas todas ignoram que este paiz, abençoado por Deos no momento da criação, tenha sido o berço de heroes, que não invejam os dessas nações cultas; que na sua historia ha feitos grandiosos como os seus rios, como os seus montes, como os seus bosques!

E assim devia ser.

O Creador Supremo, que em todas as cousas apresentou a mesma unidade, a mesma proporção, a mesma grandeza, não havia de crear em um paiz, onde a natureza fórma dos campos jardins eternos, dos rios mares immensos, das arvores esteios do céu, homens de intelligencia acanhada, rachiticos, sem heroismo, sem grandeza d'altaa, sem nobreza de coração; para as mumias bastam os tumulos.

Em geral o filho do Brasil apresenta intelligencia clara e viva, nobreza de sentimentos, e orgulho de ter nascido neste paiz, que é, sem duvida, o Eden da natureza.

O que lhe falta, pois?

Precisa de incentivo, de animação; necessita lêr nos seus livros os feitos dos seus maiores; precisa que as suas cidades, as suas praças mostrem no marmore e no bronze a grandeza dos seus irmãos, assim como os seus rios, as suas montanhas, as suas mattas lhe fazem vêr a natureza grandiosa e sublime do seu paiz.

Em 1640 Portugal despedaça as cadeias, que o tinham entorpecido e escravizado durante 60 annos ! quarenta nobres resuscitam no 1.º de Dezembro a liberdade da patria : Miguel de Vasconcellos é assassinado ; Philippe IV deposto, e Portugal ressurge como nação livre e independente, elevando á cabeça do Duque de Bragança a corôa de Affonso Henriques.

D. João IV empunha o sceptro da monarchia portugueza.

Todas as possessões portuguezas o reconhecem como seu legitimo soberano.

Levada essa noticia á villa de S. Paulo em 1641, os fidalgos hespanhoes, abi residentes, nutrindo a esperanza de chamar ao dominio do seu soberano essa parte do territorio do Brasil, recusaram acclamar rei a D. João IV, e tentaram fazer um estado independente desse territorio limitado e sem forças para poder constituir uma nação.

Mas nessas proprias condições fundavam elles as suas esperanças ; o reino que queriam crear não se poderia suster, e mais tarde ou mais cedo cahiria debaixo do sceptro dos soberanos de Castella.

Como bons politicos que eram procuraram occultar as suas intenções, e para illudir o povo, para arrastar as massas, lembraram-se de acclamar rei a Amador Bueno, homem notavel pela sua nobreza de character, pela sua opulencia, pelos empregos que occupava, pelos seus parentes, e pela alliança dos seus nove filhos e filhas, das quaes duas eram casadas com D. João Matheus Rendon, e Francisco Rendon Quevedo, fidalgos hespanhoes.

A' testa do povo, que tinham embaido com vãs promessas, dirigiram-se os fidalgos hespanhoes á casa de Amador Bueno, gritando : — Viva Amador Bueno, nosso rei ! —

O nobre paulista sorprehendeu-se ao ouvir essas exclamações, e procurando acalmar a celeuma popular, tratou de lembrar aos seus concidadãos os seus deveres ; mas o povo, ne seu frenesi, o ameaça com a morte, se recusar aceitar a corôa.

Amador Bueno, cingindo a espada, deixa a sua casa e corre para o mosteiro de S. Bento.

Felizmente os revolucionarios não quizeram tambem ser

sacrilegos, mas firmes nas portas do templo gritavam sempre — Viva Amador Bueno, nosso rei ! — ao que respondia o fidalgo paulista — Viva D. João IV, nosso rei e senhor, pelo qual darei a vida ! —

Continuava o tumulto ; o povo excitado pelos nobres castelhanos perseguia esse fidalgo, que recusava um sceptro e uma corôa, ameaçava esse nobre, que queria ser antes humilde subdito, do que rei dessa turba de revolucionarios ; era a lei lutando com a anarchia ; era a lealdade desejando abafar uma revolução.

Mas ainda nesses bons tempos os réprobos politicos olhavam a igreja como um santuario sagrado, e ouviam com respeito a voz do ministro de Deus ! Hoje não é assim ; nas eleições transformam-se os templos em praças publicas, e os castiçães e outros paramentos dos altares servem de armas nessas lutas de votos e cabalas !

Os clerigos os mais respeitaveis, seguidos de Amador Bueno, fazem vêr ao povo o seu erro e desvario, e o persuadem que na terra só deveria chamar rei a D. João IV ; que esse era o seu verdadeiro e unico soberano, assim como no céu tinha no Ente Supremo o seu Deos e Senhor.

O povo rebelde ouviu a voz santa e sincera dos padres de Christo, e reconheceu D. João IV como seu soberano.

Se os Romanos contaram entre os seus concidadãos um Cincinato, que recusava a dictadura para ir lavar as suas geiras de terras ; se a America do Norte orgulha-se de ter tido entre os seus filhos o cidadão Wasington, que nunca desejara uma corôa ; o Brasil deve encher-se de orgulho lembrando-se que Amador Bueno era brasileiro.

A provincia de S. Paulo é um santuario de gloria na historia do paiz. Deve ufanar-se de ser a primeira, que colonisou-se regularmente, de ser a primeira que sacudio o jugo dos jesuitas no meio do seculo XVII, de ser o berço de José Bonifacio, de Antonio Carlos e de Martim Francisco, de possuir no seu territorio o campo do Ypiranga, onde o primeiro Imperador do Brasil soltou o brado da Independencia do Imperio, e deve orgulhar-se tambem de ser a patria de Amador Bueno da Ribeira !



Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Se o homem conseguio dominar os mares, atravessar os oceanos, e caminhar sobre as aguas ; se, accendendo uma locomotiva, alcançou acabar com as distancias marcando as legoas para percorrel-as em minutos ; se, perfurando os rochedos, desabando os montes, percorre os continentes tão depressa como os cavalleiros de Tasso, que tinham azas nos pés ; se, desprezando os ventos, viaja pelos mares, levado pelo vapor ; tempo virá em que a atmospherá será também um novo caminho, que o ha de aproximar do condor e da aguia. Icaro não será então uma personagem da fabula, por que o homem, como o primeiro passaro do mundo, percorrerá o mesmo caminho trilhado pelas aves.

E o balão aerostático será o navio do ar, a casa ambulante, que transportará os povos pela atmospherá.

E quando o balão caminhando pelo espaço, atravessando os desertos, voando sobre os oceanos e passando por cima das maiores montanhas, conseguir aproximar mais os povos, a humanidade chegará ao fim da estrada do progresso.

Lecretelle, em um romance, que faz passar em 1900, dá o balão como o meio mais usual e preferível de conducção nessa época.

E talvez se realise o vaticinio de Henrique de Lecretelle !

Querendo fazer do espaço um caminho para o homem, descobrio Bartholomeu Lourenço de Gusmão o balão aerostático.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão, por antonomasia o voador, nasceu na villa de Santos em 1685. Indo para Portugal beber instrucção, entrou para a Universidade de Coimbra, onde formou-se em canones.

Em 1709 apresentou-se o illustre sacerdote na côrte de D. João V, com um projecto de navegação aérea.

O seu balão, chamado pelo povo *passarola*, tinha a fôrma de um passaro, crivado de tubos, pelos quaes entrava o ar para encher uma especie de bojo, que servia para eleva-lo; faltando o ar, os folles existentes na machina fariam o mesmo effeito; na parte superior do balão existiam duas espheras, sobre as quaes havia magnete e ambar; suppõe-se que os motores dessa machina seriam a electricidade e o magnetismo.

D. João V recebeu com toda a bondade o illustre physico Bartholomeu de Gusmão; o rei concorreu para as despezas da machina, que tinha de ser experimentada.

Prompto o balão, dirigio-se o areonauta a el-rei, e em presença do soberano e dos fidalgos da côrte, fez elevar o pequeno aerostato em uma sala do palacio, chamada das embaixadas; mas ao subir deu o balão de encontro a uma cimalha, que o fez derribar.

Bastou este sinistro para lançar-se o escarneo e o ridiculo sobre o distincto physico. Chamaram-n'o louco, e começaram a atirar-lhe satyras mordentes. Todos o apupavam, todos o escarneciam. A ignorancia vil e abjecta clamava contra o sabio, que iniciara uma idéa, que o seu seculo não soubera comprehender.

Em uma poesia critica, dirigida ao illustre physico liam-se os seguintes versos:

Com que engenho te atreves, brasileiro,
A voares no ar? Sendo pateiro,
Desejando ave ser, sem ser gaivota?
Melhor te fôra, na região remota,
Onde nasceste, estar com siso inteiro.

E esses, que o chamavam idiota, não ousavam escrever o seu nome nas diatribes lançadas ao distincto brasileiro! O inimigo baixo e vil procede sempre assim; braveja, calumnia e assassina, sem a victima saber de quem se deve defender!

Não se repetio nem mais uma experiencia sobre o balão aerostatico; o autor da idéa era pobre e não podia fazer segunda tentativa; a sua invenção teve pois de morrer condemnada pela côrte de D. João V l...

Desde então, perseguido pelos nobres e pelo Santo Officio, o

distincto sabio não descansou mais ; deixando a côrte, onde a intriga e a ignorancia tinham-se levantado para feril-o, foi substituido nos seus encargos pelo seu irmão Alexandre de Gusmão, que foi conselheiro e ministro de el-rei D. João V.

Em 1710 publicou Bartholomeu de Gusmão um folheto ensinando o modo de esgotar, sem gente, os navios com agua aberta.

O illustre sabio fallava correctamente as linguas franceza e italiano, conhecia perfeitamente a latina, e era bom traductor do grego e do hebraico.

Deixando as sciencias physicas, subio ao pulpito e o soube honrar como eximio prégador.

Em 1721 fez um sermão na festa de Corpo de Deus, na igreja de S. Nicoláu, em Lisboa, que mereceu os applausos de todos os homens doutos.

Setenta e quatro annos depois de Bartholomeu de Gusmão ter apresentado a sua invenção do balão aerostatico, Montgolfier, aperfeçoando essa machina conseguiu fazer uma ascensão aerostatica, que foi coroada de bello resultado. E os irmãos Montgolfier são considerados os inventores do aerostato !

Depois começaram a apparecer muitos outros areonautas, dando cada um novos aperfeçoamentos ao balão.

Descobrimo Cavendish em 1766 o gaz hydrogeneo, que é 14 vezes mais leve do que o ar, começou-se a usar desse corpo simples para encher os balões, que ao principio eram cheios com o fumo do papel ou da palha queimada.

O balão já tem servido á sciencia ; Gay-Lussac elevando-se em um balão a duas leguas ácima da terra, sentio nessa altura o sangue espirrar-lhe pela pelle, e pôde vêr muitas estrellas durante o dia.

Em todos os paizes se tem multiplicado as experiencias sobre o balão aerostatico ; entretanto foi só em 1855, que teve lugar no Brasil a primeira ascensão aerostatica executada pelo francez Eduardo Heill !

A intelligencia do homem não conseguiu ainda dar ao balão todo o desenvolvimento e perfeição, que são necessarios a essa machina, que tem de ser a locomotiva do ar. Mas a intelligencia humana não pára, caminha sempre como esses



passaros, que ha no Indestão, que dormem no ar com as azas abertas, e assim tempo virá, em que o balão tornar-se-ha um meio rapido e seguro de viajar pelos ares. Então o nome de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, saudado pelos povos, atravessará os seculos, e o Brazil terá a gloria de dizer: « Foi o brasileiro Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que tornou o homem o rei da atmosphaera ! »

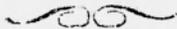
Pobre e perseguido pelo Santo Officio, fugio Bartholomeu de Gusmão para Toledo, onde falleceu em 18 de Novembro de 1724. E tão pobre morreu, que fôï enterrado á custa da irmandade dos ecclesiasticos de S. Pedro dessa cidade, que pagaram pelo enterro 5 pesos e 6 reales !

Pouco mais de 200 annos antes, morrera em Valladolid, gasto de fadigas e afogado em desgostos, um homem, que conseguiu mudar a face do globo, o descobridor de um mundo !

Em troca de um continente, que offerecera a um rei, recebeu umas algebras, que as levou para o seu sepulchro !

E não teve Bartholomeu Lourenço de Gusmão o fim triste e desditoso de Christovão Colombo !

.



VI.

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER

TIRA-DENTES.

Sabeis qual foi o primeiro brasileiro, que pensou na independencia do seu paiz, qual o primeiro martyr da liberdade na terra de Santa Cruz? Conheceis o nome desse bravo, que morreu pela redempção da patria; que foi degollado e esquartejado, e declarado infame elle e a sua memoria, os seus filhos e os seus netos, só por ter pensado tornar a sua patria livre e independente? Sabeis dos sonhos de glorias, que passara por essa cabeça de moço, por essa alma de fogo; sabeis do fado desse filho da liberdade, que amara a sua patria mais do que a sua vida?

Conheceis o nome desse irmão de Bruto, de Guilherme Tell, de Jefferson e Wasington?

Não vêdes nas paginas negras da nossa historia pintado um patibulo, e sobre elle uma victima, e no chão a liberdade debatendo-se no meio das cadeias da servidão?

E sabeis quem é essa victima?

— É Tira-dentes!

Joaquim José da Silva Xavier, por antonomasia Tira-dentes, nasceu em Pombal, termo da villa de S. João de El-Rei, em 1748; era filho de Domingos da Silva dos Santos e D. Antonia da Encarnação Xavier. Tira-dentes era alferes de cavallaria da capitania de Minas Geraes.

Ainda muito moço, quando o sangue lhe corria livremente pelas veias, para vir ter ao coração, onde havia muito amor pela sua patria, quando a sua alma cheia de ardor e entusiasmo só lhe lembrava—liberdade e gloria—quando o seu cerebro nadava em um mar de esperanças, e de futuro risonho, Tira-dentes pensou na patria, e chorou por vê-la escrava!...

Então um povo, que permanecera submisso e opprimido,

havia quebrado os ferros do despotismo, e se constituiria a primeira nação livre da America ; Wasington plantara a liberdade no mundo de Colombo !

E Tira-dentes olhou para esse povo, que despedaçara as suas cadeias, e que surgira livre e independente, e cheio de entusiasmo e de amor pela terra do seu berço, jurou torná-la livre como a sua irmã do norte !

Era vice-rei do Brasil Luiz de Vasconcellos e Sousa, e governador de Minas o visconde de Barbacena.

Tira-dentes, reunindo as pessoas mais distinctas de Minas, formou uma conjuração para dar liberdade á patria.

Entre os conjurados notavam-se o Dr. José Maciel, Dr. Domingos Vidal Barbosa, os poetas Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, o P. José da Silva de Oliveira Rolin e Francisco Paula Freire de Andrade, cunhado de Maciel e commandante do regimento de linha de Villa-Rica, e muitas outras pessoas notáveis pelos seus talentos, pela sua fortuna e pelos empregos que occupavam.

Essa conspiração teria por fim fundar uma republica, cuja capital seria S. João de El-Rei ;ahi se crearia uma universidade e escolas de industrias ; os terrenos diamantinos seriam franqueados ; o ouro e as pedras preciosas livres de direitos ; os devedores da fazenda publica receberiam quitação ; o governador seria preso e conduzido á Bahia, d'onde levaria á Lisboa a noticia da revolta.

Apenas installada a republica, se deveria arvorar uma bandeira branca com trez triangulos, symbolo da Santissima Trindade. Essa idéa fôra de Tira-dentes, mas Alvarenga fez adoptar para o novo estandarte a legenda — *libertas quæ sera tamen.*

As primeiras conferencias tiveram lugar em casa de Claudio Manoel da Costa, mas depois passaram a ser celebradas em casa de Francisco de Paula Freire de Andrade.

Uma lei em vigor obrigava a mandar para a metropole a quinta parte do ouro extrahido das minas, mas tornando-se difficil a arrecadação, arbitrou-se que a capitania pagaria annualmente cem arrobas de ouro. Porém tornando-se com o tempo muito escasso o apparecimento do ouro, rendendo a

contribuição 30 arrobas apenas, e tendo havido deleixo na cobrança do imposto, aconteceu que, no fim de alguns annos, devia-se ao Estado 700 arrobas desse metal. Nestas circumstancias começou-se a espalhar o boato, que o governador queria cobrar toda a divida do Estado, e isso descontentou e atemorizou a todos.

Tira-dentes julgou que era então o momento asado de pôr o seu plano em execução. Elle, moço ardente, cheio de enthusiasmo pela idéa que iniciara, julgando proximo o dia da liberdade da patria, e esquecendo-se de todos os perigos, fallava a todos dos seus projectos, das suas esperanças; o amor pelo seu paiz o tornara louco e imprudente. E quando a conspiração estava prestes a rebentar, entre os conjurados houve um homem que aviltou-se tanto, que chegou a ser denunciante.

O coronel Joaquim Silverio dos Reis, homem máu e altivo, foi o delator da conspiração.

O visconde de Barbacena desejando abortar essa revolução, publicou uma ordem suspendendo a cobrança do imposto e o lançamento da derrama.

Maciel e Gonzaga julgaram então, que seria util adiar o projecto, á vista das novas medidas do governo, mas Tira-dentes oppoz-se, desejando levar ao fim a sua grande obra da regeneração do paiz, e immediatamente dirigiu-se para o Rio de Janeiro em busca de novos proselytos.

Porém máu fado o perseguia; Basilio de Brito Malheiros e Ignacio Corrêa Pamplona o vão denunciar ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, que dá ordens para a sua prisão.

No dia 10 de Maio de 1789 teve lugar a prisão de Tira-dentes, que fôra encontrado no sotão de uma casa da rua dos Latoeiros, onde o havia occultado Domingos Fernandes da Cruz, a pedido de Ignacia Gertrudes, viuva que era muito grata ao nosso heroe, por ter-lhe curado uma sua filha.

O vice-rei expedio ordens ao governador de Minas para capturar os outros réos da conspiração.

Tira-dentes foi levado para a fortaleza da ilha das Cobras e lançado em um dos seus segredos. Nos dias 22, 27 e 30 de Maio soffreu interrogatorios, nos quaes confessou todos os

seus projectos, sem lançar a menor culpa sobre os seus cúmplices.

Em 1790 entrou no Rio de Janeiro a fragata *Golphinho*, trazendo a seu bordo Antonio Diniz da Cruz e Silva, poeta distincto, e Antonio Gomes Ribeiro, desembargadores nomeados pela rainha D. Maria I, para que, reunidos ao chanceller da relação e a outros magistrados, julgassem em alçada os réos da revolução de Minas.

Tira-dentes, que fôra transferido para a cadeia publica, soffreu ainda 8 interrogatorios em 18 de Janeiro e 4 de Fevereiro de 1790, 14 de Abril, 20 e 22 de Junho, 4, 7 e 15 de Julho de 1791.

Em 18 de Abril de 1792 a alçada proferio a sentença, pela qual foram condemnados á morte 11 dos conjurados, 5 a degredo perpetuo, e os outros a exilio por algum tempo.

A carta regia de 15 de Outubro de 1790 obstou que houvesse tão horrivel carnificina; a pena de morte foi commutada em degredo perpetuo para a Africa, á excepção porém de Tira-dentes, que fôra considerado cabeça da revolta.

Tira-dentes soube na prisão da commutação da pena dos seus co-réos em degredo e da confirmação da sua; e sem se alterar, sem fazer a menor accusação, deu parabens aos seus companheiros e amigos.

A sentença de Tira-dentes, que lhe foi lida, dizia, que era condemnado como chefe da conjuração, que seria enforcado, seu corpo esquartejado, sua cabeça levada á Villa-Rica, aonde em lugar mais publico seria pregada em um poste alto, até que o tempo a consumisse; seus quartos seriam tambem içados em lugares publicos; a sua casa arrasada, salgada, não podendo edificar-se mais no seu terreno; e nesse lugar se collocaria um padrão, annunciando o crime e o castigo do réo; seus bens seriam confiscados, e os seus filhos e netos declarados infames.

E essa sentença negra, essa sentença de inquisição, foi fielmente executada!

Em 21 de Abril de 1792 sahio Tira-dentes da cadeia (hoje camara dos deputados) e seguiu pela rua da Cadeia e do Pio-lho, até o largo da Lampadosa (Praça da Constituição) onde estava preparado o patibulo em fórma de triangulo!

Fôra o symbolo que Tira-dentes escolhera para o seu estandarte !

O juiz executor trazia as suas vestes de gala, e a tropa, que vinha adiante e atraz do prestito, fardava rico uniforme !

O povo enchia a praça, as ruas, e os montes vizinhos.

Havia consternação em todos os semblantes, dôr em todos os corações.

Heroica e corajosamente subio o martyr o seu monte Calvario, e d'ahi a pouco o seu sangue regava a arvore da liberdade, que teria de surgir bella e grandiosa, trinta annos depois, no campo Ypiranga.

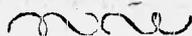
No dia em que teve lugar a execução de Tira-dentes, illuminou-se a cidade, e houve um *Te-Deum* em acção de graças. Quizeram reunir a profanação ao crime !

E nesse mesmo dia, porém, 292 annos antes, encontrara Pedro Alves Cabral os primeiros signaes da terra de Santa Cruz !

Tira-dentes morreu com 44 annos de idade, deixando uma filha natural e menor, que viveu pobremente em Villa-Rica, em companhia de sua mãe.

Tira-dentes é um vulto historico da nossa patria, que deve ser venerado.

Como Socrates, Bruto, João Huss, Jeronymo de Praga, Carlota Cordey, e tambem Jesus Christo, morreu Tira-dentes martyr da liberdade !



VII.

JOSÉ BASILIO DA GAMA.

Levantai-vos, Homero, do vosso tumulo secular, e vinde saudar um poeta grande como vós.

E vós, Dante, e vós Shakespeare, pendurai as vossas lyras, que encantaram os grandes tempos da idade media, e vinde vêr um vosso irmão, um vate, que teve uma lyra divina, um bardo rei.

Deixai Camões, o vosso leito do hospital, onde repousais ha perto de 300 annos ; descei do cadafalso, André Cheniér ; suspendei o punhal suicida, Chatterton, e vinde todos saudar um poeta rei, um genio vosso irmão.

Ossian, João Milton, procurai afastar de vossos olhos essa nuvem negra, que vos mata a vista, e vinde vêr, na terra de Colombo, o bardo que tem uma lyra igual á vossa.

E vós, poeta de Leonora, infeliz Tasso, deixai tirar da corôa que vos orna a fronte, já fria e desbotada pela morte, uma só flôr, uma só folha, para dal-a a um poeta, infeliz e grande como vós, para offerrecel-a a José Basilio da Gama.

José Basilio da Gama nasceu em 1740, na comarca do Rio das Mortes da provincia de Minas Geraes,

Ainda menino já a sua intelligencia, bella e viva, enchia de esperanças e de satisfação a seus pais, que apesar de pobres, fizeram esforços para envial-o ao Rio de Janeiro. Nesta cidade encontrou o joven mineiro um protector, o brigadeiro José Fernandes Pinto Alpoim, que admirado dessa intelligencia infantil, procurou cultival-a e dar-lhe expansão ; José Basilio entrou para o collegio dos Jesuitas.

Como essas flôres odoríferas, que logo que nascem se annunciam pelo perfume, que espalham pela atmosphaera, Basilio da Gama, apenas começara os seus estudos, attrahio a attenção dos padres da companhia. E estes, homens ambicio-

sos, que tinham sonhado com o dominio universal, que dizendo-se apóstolos de Deus, só tinham ambição e odio, que de baixo da sua estamena negra procuravam todos os meios de exterminar todos os poderes para elevarem-se mais e mais, julgaram que Basilio da Gama, pela sua grande intelligencia, seria uma aquisição vantajosa para a Companhia de Jesus. Basilio da Gama, moço pobre, que só desejava beber instrução, não repugnou em aceitar o habito negro; tornou-se noviço dessa memoravel confraria.

Tinham decorrido 4 annos, que o illustre mineiro frequentava as aulas dos jesuitas, quando em 1759, o marquez de Pombal, armado com a bulla do pontifice Clemente IV, extinguiu os jesuitas, em Portugal e seus dominios.

O ministro eminente soube lançar por terra esses frades, que abusaram do poder dos papas e dos reis, e que appellidando-se apóstolos da crença, da esperança, e da caridade, encheram de sangue o calix do SENHOR, fizeram da cruz um patibulo, e do nome de Deus uma sentença de morte!

Privado do apoio dos padres da companhia, Basilio da Gama não viu-se só; tinha angariado a protecção do conde de Bobadella, e do bispo D. Antonio de Guadelupe, de sorte que, rasgando o seu habito de frade, pôde entrar para o seminario de S. José.

Cada dia o seu talento o fazia mais conhecido e estimado de todos; já então sahiam da sua lyra esses sons harmoniosos, que denunciavam o autor de uma epopéa.

O conde de Bobadella e D. Antonio do Desterro, que succedera ao bispo de Guadelupe, continuaram a amparar o moço, que então sobressahia a todos pela sua bella e brilhante intelligencia. Pela protecção desses dous homens eminentes conseguiu José Basilio da Gama ir a Lisboa; mas ahi ainda era recente o rancor contra os jesuitas; e sabendo-se que o joven poeta pertencera a essa seita, foi por isso abandonado e perseguido por todos; Basilio da Gama retirou-se para Roma.

Cheio de privações, coberto de desgostos, longe dos amigos e da patria, vivia Basilio da Gama em Roma, só, sem protecção, com o coração afogado de saudades, com a alma mergulhada na dôr e no padecimento.

E soffria tanto pela sciencia; o desejo de aprofundar os

seus conhecimentos o levava até ás portas da cidade eterna ; e ahi, como Thierry, que se sacrificara pelos estudos, era Basilio da Gama martyr da sciencia.

Cultivando a amizade dos homens doutos e sabios entrou para a arcadia de Roma, onde tomou o pseu-donymo de Termino Sipilio.

Voltando a Lisboa encontrou os seus patricios Silva Alvarenga e Alvarenga Peixoto, e isso como que o consolou no meio dos seus desgostos e privações ; mas ainda trasbordava o calix de armadura do peregrino da sciencia ; o poeta vivia sem protecção e sem arrimo.

Porém depois do martyrio vem a palma, sobe-se ao calvario para alcançar-se a redempção.

Inaugurando-se a estatua equestre de D. José I em 1775, fez Basilio da Gama, por occasião dessa festa, uma bella ode, que mereceu louvores e applausos geraes.

O marquez de Pombal, amante das artes e das letras, desejando recompensar o poeta, que o enthusiasmara, o nomeou official extranumerario de sua secretaria de estado.

O seu bello talento o fez subir depressa ; Basilio da Gama foi despachado official de gabinete do grande ministro de D. José, com carta, fóros e escudo de nobreza.

Voltando ao Rio de Janeiro, arrastado talvez pelas saudades da patria, fundou aqui uma arcadia modelada pela de Roma ; essa associação prosperou e prestou serviços á sciencia, mas depois foi anniquilada pelo temeroso conde de Rezende, incitado por intrigas de um sacerdote !

O conde de Rezende tinha ogerisa aos poetas ; na revolução de Tira-dentes vira 3 poetas rebeldes, e isso ainda o exacerbou mais contra esses, que tinham a desgraça de *nâscer Deus pelo genio*, na bella phrase de Lermenier.

Quando Basilio da Gama chegara ao Rio Janeiro, tinha as redeas do governo o marquez do Lavradio, que sabendo que o illustre poeta pertencera á Companhia de Jesus, o mandou prender e remetter para Lisboa.

O poeta infeliz não achava lugar onde pudesse adormecer as suas magoas ; era o vento despiedoso do infortunio quem impellia aquella alma.

Chegando a Lisboa pôde vêr-se livre da prisão ; mas então já aquelle coração agonisava

Basilio da Gama morreu com mais de 50 annos, em 1795.

Beethoven na sua hora extrema teve um amigo, a quem pôde dizer — « Não é verdade, Hummel, que eu era um genio ! » Entretanto que Basilio da Gama, na sua agonia, vio junto de si um frade máu, que fechando os olhos do moribundo lançava ao fogo as suas tragedias e poemas !

Essa padre, iconoclasta das letras, teria tambem incendiado o poema Uruguay, se isso estivesse ao seu alcance !

Alem de bellas poesias feitas á morte do conde de Bobadella, de elegantes sonetos dedicados ao marquez de Pombal, á quem o illustre poeta foi sempre grato e sempre elogiou, mesmo no tempo, em que estando esse ministro deposto, era até crime o apregoar os serviços, que prestara á sua patria ; exceptuando muitas outras poesias diversas, é Basilio da Gama o autor do poema — Uruguay.

O Uruguay é a nossa primeira epopea ; é um livrinho, em que cada linha é um verso cheio de belleza e harmonia.

Nesse poema tudo é admiravel, a grandeza das imagens, a fluidez do verso, a harmonia das palavras, a riqueza das idéas, tudo impressiona e arrebatá.

O poema é bello e magestoso, desde a introducção até o seu fim.

Querer analysar o Uruguay, é tirar-lhe a belleza.

Poder-se-ha por ventura descrever bem o sol !

.
Serás lido, Uruguay. Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna,
Tu vive, e goza a luz serena, e pura.

Disse-o o poeta, e foi o profeta do seu poema ; leu atravez dos seculos a immortalidade da sua obra ! — o Uruguay vive e viverá.

O Uruguay é um monumento litterario, é a mais bella pagina da litteratura americana ; o vate que o produzio era um vate rei, sublime como Homero ; o Uruguay é o monumento, o Pantheon de José Basilio da Gama.



VIII.

VALENTIM DA FONSECA E SILVA.

O architecto é um homem creador, é um poeta, que da madeira, do granito, do bronze, fórma objectos cheios de primor e arte ; é como que um ente divino, que dá nova fórma e nova vida ás creações da natureza.

O architecto, desviando-se dos typos, que a natureza apresenta, faz apparecer, pelo seu genio, essa columnas grandiosas, essas estatuas sublimes, esses palacios sumptuosos, essas galerias elegantes, esses templos magestosos, esses mausoleos admiraveis, esses monumentos gigantescos, que nos impressionam, como se fossem creações da propria divindade.

Só o architecto é que poderia conceber e executar esses sete milagres d'arte, que constituiram as sete maravilhas do mundo.

Mas o architecto, assim como todo o artista, deve ter sciencia ; as bellas obras da arte, diz Plutarcho, nascem da observação e da sciencia do artista e não do acaso.

E é preciso uma vida inteira para constituir um verdadeiro artista. Ticiano morreu na idade de 80 annos, e dizia, que sentia morrer tão cedo, porque era então, que começava a ser artista.

« Os bons artistas custam a apparecer, dizia o Imperador Maximiliano. »

Deve-se, pois, amar os verdadeiros artistas, venerar a sua memoria e procurar elevá-los á posteridade.

Mas, se fará isso entre nós ?

Desprezamos os artistas, como Guttemberg foi esquecido pelos seus parentes, por ter abandonado o pergaminho da sua nobreza, para declarar-se filho da arte, inventor da imprensa !

Julgamos o artista um vil mercenario, que só trabalha para ter dinheiro, e levamos a nossa condemnação até ao tumulto do

triste filho da arte, que morre pobre, esquecido, e ignorado dos seus e da patria !

E' verdade que Leonardo de Vinci morreu nos braços de Francisco I ; que Ticiano falleceu nos braços de Carlos V ; mas isso não aconteceu na terra de Santa Cruz !...

Valentim da Fonseca e Silva foi um bello artista brasileiro. Natural da provincia de Minas Geraes, era filho de um fidalgo portuguez e de uma pobre mulher oriunda deste paiz.

Não se sabe o dia do seu nascimento, nem o de sua morte !

Tendo ido a Portugal, para receber a educação artistica, retirou-se desse paiz pelo fallecimento de seu pai.

Na esculptura e obra de talha foi seu mestre. no Rio de Janeiro, o entalhador que fez as primeiras obras da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, as quaes foram depois concluidas por Valentim.

Conhecido logo como artista habil, iam os ourives e lavrantes pedir-lhe desenhos e moldes de banquetas, castiçaes, lampadas, salvas, ceriaes, relicarios, e de outros artefactos, que exigiam primor e luxo.

Foi esse grande artista que concluiu os trabalhos exteriores da Igreja da Cruz, e que preparou toda a obra de talha do interior do templo, onde ainda se admira o primor e gosto, que presidio aos ornatos do tecto da mesma Igreja.

A capella-mór da Igreja de S. Francisco de Paula foi obra de Valentim, o qual tambem trabalhou nos ornatos do templo de N. S. da Candelaria.

As lindas lampadas de prata, que ainda hoje attrahem a attenção nas Igrejas de S. Bento, do Carmo e de Santa Rita, foram feitas por Martinho Pereira de Brito, avô do Sr. F. de Paula Brito, (ourives admiravel de martello daquelles tempos) segundo os desenhos e moldes desse bello artista.

As suas obras cheias de gosto e arte, a sua reputação de artista de genio e de inspiração como que attrahirão a inveja dos artistas de Portugal ; de sorte que em 5 de Janeiro de 1785 appareceu uma carta regia ordenando, que se fechassem todas as lojas de ourives, que se sequestrasse todos os instrumentos de arte, enviando-se para o exercito os officiaes solteiros e prohibindo os officios no Rio de Janeiro. E os delinquentes soffreriam a pena dos moedeiros falsos !...

Valentim representava então a arte no Rio de Janeiro, e assim perseguindo-se os artistas, se procurava desgostar a esse homem inspirado, que ousara apresentar-se, coberto de louro e cheio de gloria, na estrada do progresso artistico !

Tendo grangeado a estima e consideração do vice-rei Luiz de Vasconcellos, foi Valentim encarregado por esse fidalgo de toda a obra de architectura do Passeio Publico ; foi elle que deu o risco para o grupo de jacarés, que ahí existe ; e tendo sido inutil a primeira fundição dessa obra, elle proprio tratou de fazer uma segunda, que foi coroada com o bello resultado, que ainda hoje admiramos.

E' tambem obra de Valentim esse menino, que se nota no Passeio Publico, e que se torna util a todos brincando com um kagado, que lança pela bocca agua cristallina e pura, que vai sumir-se em um barril de pedra.

O chafariz do Largo do Paço, cheio de elegancia e belleza, é uma das obras mais perfeitas desse grande artista brasileiro.

Tendo-se incendiado o recolhimento do Parto, em 26 de Agosto de 1789, trabalhou Valentim na sua reedificação, que ficou concluida em seis mezes !

Na sachristia da Igreja do Parto existem dous quadros descrevendo esse facto ; nestes paineis notam-se os retratos de Valentim e do vice-rei Luiz de Vasconcellos.

Trabalhou Valentim da Fonseca e Silva em quasi todos os nossos templos, e em muitos outros edificios, onde ainda hoje admiramos a ordem, a harmonia, o gosto, a invenção, que este distincto artista sabia dar a todas as suas obras.

O Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, que nós respeitamos muito como poeta, litterato e artista, fallando de Valentim, diz : — « Foi um grande artista, um homem extraordinario para o Brasil daquelle tempo e para o de hoje, e o seu nome deve ser venerado. »



triste filho da arte, que morre pobre, esquecido, e ignorado dos seus e da patria !

E' verdade que Leonardo de Vinci morreu nos braços de Francisco I ; que Ticiano falleceu nos braços de Carlos V ; mas isso não aconteceu na terra de Santa Cruz !....

Valentim da Fonseca e Silva foi um bello artista brasileiro. Natural da provincia de Minas Geraes, era filho de um fidalgo portuguez e de uma pobre mulher oriunda deste paiz.

Não se sabe o dia do seu nascimento, nem o de sua morte !

Tendo ido a Portugal, para receber a educação artistica, retirou-se desse paiz pelo fallecimento de seu pai.

Na esculptura e obra de talha foi seu mestre. no Rio de Janeiro, o entalhador que fez as primeiras obras da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, as quaes foram depois concluidas por Valentim.

Conhecido logo como artista habil, iam os ourives e lavrantes pedir-lhe desenhos e moldes de banquetas, castiças, lampadas, salvas, ceriaes, relicarios, e de outros artefactos, que exigiam primor e luxo.

Foi esse grande artista que concluiu os trabalhos exteriores da Igreja da Cruz, e que preparou toda a obra de talha do interior do templo, onde ainda se admira o primor e gosto, que presidio aos ornatos do tecto da mesma Igreja.

A capella-mór da Igreja de S. Francisco de Paula foi obra de Valentim, o qual tambem trabalhou nos ornatos do templo de N. S. da Candelaria.

As lindas lampadas de prata, que ainda hoje attrahem a attenção nas Igrejas de S. Bento, do Carmo e de Santa Rita, foram feitas por Martinho Pereira de Brito, avô do Sr. F. de Paula Brito, (ourives admiravel de martello daquelles tempos) segundo os desenhos e moldes desse bello artista.

As suas obras cheias de gosto e arte, a sua reputação de artista de genio e de inspiração como que attrahirão a inveja dos artistas de Portugal ; de sorte que em 5 de Janeiro de 1785 appareceu uma carta regia ordenando, que se fechassem todas as lojas de ourives, que se sequestrasse todos os instrumentos de arte, enviando-se para o exercito os officiaes solteiros e prohibindo os officios no Rio de Janeiro. E os deliquentes soffreriam a pena dos moedeiros falsos !...

Valentim representava então a arte no Rio de Janeiro, e assim perseguindo-se os artistas, se procurava desgostar a esse homem inspirado, que ousara apresentar-se, coberto de louro e cheio de gloria, na estrada do progresso artistico !

Tendo grangeado a estima e consideração do vice-rei Luiz de Vasconcellos, foi Valentim encarregado por esse fidalgo de toda a obra de architectura do Passeio Publico ; foi elle que deu o risco para o grupo de jacarés, que ahi existe ; e tendo sido inutil a primeira fundição dessa obra, elle proprio tratou de fazer uma segunda, que foi coroada com o bello resultado, que ainda hoje admiramos.

E' tambem obra de Valentim esse menino, que se nota no Passeio Publico, e que se torna util a todos brincando com um kagado, que lança pela bocca agua crystallina e pura, que vai sumir-se em um barril de pedra.

O chafariz do Largo do Paço, cheio de elegancia e belleza, é uma das obras mais perfectas desse grande artista brasileiro.

Tendo-se incendiado o recolhimento do Parto, em 26 de Agosto de 1789, trabalhou Valentim na sua reedificação, que ficou concluida em seis mezes !

Na sachristia da Igreja do Parto existem dous quadros descrevendo esse facto ; nestes paineis notam-se os retratos de Valentim e do vice-rei Luiz de Vasconcellos.

Trabalhou Valentim da Fonseca e Silva em quasi todos os nossos templos, e em muitos outros edificios, onde ainda hoje admiramos a ordem, a harmonia, o gosto, a invenção, que este distincto artista sabia dar a todas as suas obras.

O Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, que nós respeitamos muito como poeta, litterato e artista, fallando de Valentim, diz : — « Foi um grande artista, um homem extraordinario para o Brasil daquelle tempo e para o de hoje, e o seu nome deve ser venerado, »



O IRMÃO JOAQUIM.

Vamos agora escrever a vida de um santo.

Não é santo o homem que vive dando esmola ao pobre, enxugando a lagrima do infeliz, amparando o innocente e o orphão, e protegendo a donzella pendida sobre o abysmo da perdição!

Não é santo o homem que tem sempre um olhar de compaixão para o infeliz, uma palavra de consolação para o enfermo, que funda asylos para o indigente, que levanta o berço do filho abandonado!

Não é santo o homem, que esquece os trabalhos, despreza as fadigas, abandona as riquezas, e dá seu coração e sua vida aos pobres!

A Igreja não venera S. João de Deus, que mendicando de porta em porta pedia esmolos para edificar o seu hospital de Granada! Pois no novo mundo houve tambem um S. João de Deus: foi o irmão Joaquim.

Joaquim Francisco nasceu na villa do Desterro (hoje cidade capital da Provincia de Santa Catharina) em 22 de Março de 1761, ás 10 horas da noite de sexta feira maior; era filho legitimo do sargento mór Thomaz Francisco da Costa e D. Marianna Jacintha da Victoria, naturaes da ilha dos Açores.

O Capitão Manoel da Rocha foi o seu padrinho na pia do baptismo, sendo então parcho da matriz o padre José Antonio Braga e Castro.

O menino Joaquim era fraco e doentio, e attingio quasi os 7 annos sem que soubesse pronunciar uma só palavra; seus pais já o julgavão mudo; porém pouco a pouco começou a articular alguns sons, vindo depois a exprimir-se com clareza e facilidade.

Enviado para a escola de primeiras letras de José de Almeida mostrou o menino Joaquim tanta vontade e applicação no estudo, que tornou-se o primeiro dos seus condiscipulos, e o seu mestre declarou-se seu amigo.

Já então mostrava o joven Joaquim o amor que tinha á religião de seus pais ; os seus entretenimentos de criança consistião de oratorios e canticos sagrados ; dir-se-hia que esse menino tinha já entregue a Deus o seu coração e a sua alma.

Aos doze annos de idade foi obrigado a deixar as suas aulas para ir ser caixeiro de seu pai, que tinha uma loja na capital.

Constrangido e triste abraçara elle a vida commercial.

Joven de character sombrio, inclinado á religião, generoso e prodigo, não fôra de certo destinado para trilhar a vida do agio e do calculo ; ás vezes vendia a fazenda por menor preço do que custara ; e se sabia que na loja vizinha tinha mercadoria mais barata do que a sua, elle era o proprio a avisar o freguez que lhe apparecia na porta. E o que era seu era tambem dos pobres ; o desgraçado que estendia-lhe a mão recebia sempre uma esmola, e não era raro tirar a sua jaqueta, ou camisa para cobrir a nudez do indigente, que implorava a sua caridade.

Cedo conheceu seu pai que elle não nascera para commerciante, e querendo impedir a prodigalidade desse moço o fechou em um sotão ; dous dias depois indo visital-o o encontrou dormindo sobre umas taboas, porque o joven Joaquim atirara pela janella aos infelizes, que tinham passado pela rua, os lençóes e utensillios de sua cama.

E era tão religioso esse virtuoso mancebo, que todos os domingos ouvia missa, assistindo de noite ao terço de Nossa Senhora.

Seu pai informado da sua inclinação religiosa, e aconselhado por alguns amigos, deu-lhe liberdade para abraçar a vida ecclesiastica.

Desde então mostrou-se o joven Joaquim alegre e satisfeito ; e começando a festejar todos os annos Nossa Senhora do Livramento, em um oratorio que existia em sua casa, tomou para si o cognome de Livramento.

Tinha então Joaquim Francisco do Livramento 18 annos ; e foi então que tornou-se elle o verdadeiro homem de caridade,

o typo da philantropia ; ouvia todas as dôres e dava remedio a todas as enfermidades : era encontrado ou na casa do orphão, ou na companhia do desgraçado, ou no leito do agonisante ; para o pobre tinha sempre um pão, ao desgraçado dava sempre uma esperança, e o moribundo não morria sem ouvir a sua voz santa e consoladora.

E assim passava os seus dias livrando da penuria e da indigencia os pobres, que parecião ser seus filhos.

Era um santo que amava o proximo como Deus ordena.

E se S. Francisco de Assiz peregrinava pelos paizes pedindo esmolas para fundar asylos, Joaquim Francisco, já então conhecido pelo nome simples e humilde de irmão Joaquim, tratou tambem de ir de porta em porta pedir esmolas para fundar um hospital.

E tomando um saial de lã pardo, que apresentava no peito a figura de um calix e hostia, e cingindo a cintura com uma corda, começou o irmão Joaquim a sua peregrinação, percorrendo as provincias de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul, atravessando lugares ermos, mattas extensas e sombrias, para ir pedir a todos uma esmola para a criação de um asylo de enfermos.

Era edificante ver esse santo homem, só, caminhando a pé durante um anno, desprezando as fadigas e os perigos, para poder obter os meios de levantar um edificio para os pobres.

E durante essa santa perigrinação não desprezava os que encontrava no leito da dôr ou da miseria ; repartia a esmola que obtinha com o velho esfomeado, curava a ulçera do infeliz torturado pela miseria e pela dôr, e sepultava o indigente, que encontrava morto no caminho.

Tendo obtido algumas esmolas começou a construir o seu hospital em um terreno junto á capella do Menino Deus na villa do Desterro ; no amplo edificio, que mandou edificar, havia uma roda para expostos, oratorios, botica, gabinete de consultas, e casa independente para o capellão.

Tornou-se então o irmão Joaquim o enfermeiro do seu hospital ; elle proprio distribuia as dietas, dava os remedios, consolava os afflictos, ouvia os moribundos, e ensinava a todos a crer na bemaventurança do céo ; todas as noites resava o

terço de Nossa Senhora com os seus doentes ; era o medico da alma e do corpo dos que ião para esse hospital.

Se tinha algum descanso empregava-o fazendo flores de pano e de escamas para ornar as imagens sagradas ; e trabalhava com tanta pericia, que ainda hoje, em Santa Catharina, são apreciadas lindissimas capellas de flores feitas pelo irmão Joaquim.

Desejando obter um patrimonio para o seu hospital partio para Lisboa ; e pelas suas virtudes conseguiu da rainha D. Maria 1.^a uma prestação annual de 3007000 rs. ; voltando á sua provincia continuou na pratica de suas virtudes.

Pelos annos de 1796 a 1800 dirigio-se á Bahia e procurou colher esmolas para instituir um estabelecimento de educação para os meninos desvalidos, e conseguiu fundar o seminario de S. Joaquim, onde muitos orphãos tem bebido uma educação sã e util ; nesse seminario existia o seu retrato tirado sem elle saber.

Em Santa Catharina tornara-se o irmão Joaquim o enfermeiro dos doentes do seu hospital, na provincia da Bahia encarregou-se de educar os pobres orphãos, que se recolhião ao seu seminario ; elle os amava como seus filhos, e procurava inculcar-lhes n'alma os preccitos do Evangelho.

Ambicionando alcançar tambem para esse seu estabelecimento um subsidio dos cofres publicos, dirigio-se a Lisboa, d'onde voltou em 1803, tendo sido attendida a sua petição.

Na provincia da Bahia soube elle da morte de seu pai, e immediatamente renunciou a parte, que lhe tocava da herança paterna, em favor da mais pobre das suas irmãs.

Encarregando a administração do seu seminario a um reitor, partio para o Rio de Janeiro, onde angariou a estima do Sr. D. João VI, que apreciando as virtudes do irmão Joaquim, entregou-lhe alguns meninos orphãos para serem educados por elle.

Em 1809 foi para S. Paulo, e pedindo esmolas aos feis, estabeleceu dous seminarios, um em Itú, outro em Sant'Anna em uma fazenda que foi dos jesuitas.

Nesse tempo soffreu o irmão Joaquim um insulto e um desgosto ; encontrado debaixo de uma arvore á desenhar talvez o risco de alguma casa de caridade, foi preso como espia es-



trangeiro e conduzido a S. Paulo ; chegou ao Rio de Janeiro carregado de ferros, e escoltado por soldados, porém apenas soube El-Rei desse desacato mandou dar liberdade ao santo homem.

Dirigindo-se para Jacaucanga plantou tambem ahi uma casa de caridade.

No seminario de Jacaucanga receberão uma educação santa e uma instrução proveitosa muitos jovens, que tornarão-se depois cidadãos distinctos e uteis ao paiz : o Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos foi discipulo desse seminario.

Em 1822, por pedido do irmão Joaquim, foi nomeado reitor dessa casa de educação, o padre Viçoso, actual bispo de Marianna ; esse santo prelado referindo-se em um documento ao seminario de Jacaucanga expressou-se assim. « Eu não espero ver seminario de mais innocencia. »

Taes palavras são o melhor elogio, que se poderia fazer dessa casa de educação creada por um homem de tão consummadas virtudes, e de principios tão moraes e santos como era o irmão Joaquim.

Esse homem que repartia com os pobres tudo que era seu, que ia procurar os meninos orphãos para dar-lhes instrução e o pão de cada dia, nunca descansava, não esperava que os necessitados viessem bater-lhe á porta, elle ia adiante delles e dava-lhes todos os recursos ; só, ou acompanhado de algum amigo embarcava-se em uma pequena canôa e percorria a costa, pedindo esmolas para aquelles, que soffrião, ou tomando o seu cajado caminhava leguas e leguas e não voltava sem trazer soccorros á aquelles que o esperavão.

O Bispo de Marianna quando elogiava o irmão Joaquim dizia sempre : « envergonho-me de que um homem leigo e ignorante tenha feito tantas cousas boas, que eu bispo não seria capaz de fazer. »

O irmão Joaquim soffria de uma edemacia nas pernas, e de outros incommodos que via ir augmentando de dia em dia ; mas apesar disso não esfriava o seu zelo religioso e o seu amor pelo proximo.

Querendo talvez obter algum auxilio para o seminario de Jacaucanga embarcou para Lisboa em 21 de Maio de 1826 ; d'ahi caminhou para Roma, porém exacerbando-se a doença,

que o acabrunhava, procurou voltar para a sua patria com o desejo de morrer entre os braços daquelles, que tinham attrahido o seu coração, e que tinham aprendido as suas virtudes, mas chegando á Marselha falleceu em 1829 com 68 annos de vida.

Alguna cousa que deixou foi entregue, no anno seguinte, aos seminaristas de Jacaucanga, que ello chamava seus filhos.

Longe da patria e dos seus amigos morreu esse brasileiro, que dedicou toda a sua vida á caridade e á religião; viveu amando a humanidade.

O irmão Joaquim era um santo; sabia perdoar as injurias, e não sabia fazer mal; a sua casa era a casa de todos, os pobres constituíam a sua familia, o orphão que jazia no berço da miseria encontrava nelle um pai.

Como o sobrinho de Pio IV, vendia o que era seu para levantar asylos para os pobres, e seminarios para os engeitados; pedindo esmolas pelo amor de Deus fundou edificios, onde vio-se a caridade recebendo os meninos abandonados por seus pais, e a piedade acolhendo os indigentes torturados pela dôr e pela miseria.

Se a igreja venera a memoria de Francisco de Assiz, e de João de Deus, dia virá talvez, em que cobrindo de bençãos o nome do irmão Joaquim, o canonise como o primeiro santo nascido na terra de Santa Cruz!



X.

PADRE JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA.

Nas grandes festas religiosas do tempo de El-Rei via-se, no còro da igreja cathedral, um homem de fronte erguida, cheio de inspiração e de genio, fazendo reviver as melodias de Salyburg, as notas divinas de Beethoven.

Era um artista-genio, que escrevia poemas de harmonia ; era um cysne-rei, que enthusiasmava as turbas, que o ouvião.

El-Rei amava a esse musico inspirado, a esse filho de Euterpe, a esse poeta das melodias.

E era bello ver esse moço, cheio de enthusiasmo, na frente de uma orchestra, em uma festa real, enchendo de emoções o rei, os cortezãos e o povo, que absortos o ouvião, admirando essa intelligencia que trashedava, esse genio que parecia elevar-se ao céu, como as aguias brancas da Thessalia, para ir beber melodias nos espaços celestes.

E era bello o pensar-se que esse artista, que espalhava cantos divinos pelo templo sagrado, não aprendera os segredos da arte que professava ; fôra Deos que o fizera musico.

E esse artista rei, esse musico, que fazia milagres de harmonia, e que a multidão ouvia com pasmo, afogando, ás vezes, os seus hymnos no phrenesi dos applausos, era o padre — José Mauricio Nunes Garcia.

José Mauricio Nunes Garcia, filho de Apollinario Nunes Garcia, e de D. Victoria Maria da Cruz, nasceu no Rio de Janeiro em 22 de Setembro de 1767 ; foi baptisado na igreja do Rosario, antiga Sé e Cathedral.

Na idade de 6 annos perdeu seu pai, porém sua mãe e uma tia, que lhe dedicavão muita estima, fizeram esforços para dar ao pobre menino uma educação conveniente.

Era ainda bem criança, e deixava José Mauricio os seus folguedos de menino, para ir tocar viola e cravo, acompanhando

muitas vezes o som desses instrumentos com a sua voz doce e infantil.

Cedo conhecêrão a sua propensão para a musica, e o enviãrão para a escola de Salvador José, onde em breve o pequeno José Mauricio excedeu a todos os seus condiscipulos; o seu mestre regozijava-se vendo-o entre os seus alumnos, e admirava o seu talento e dedicação para a musica.

Foi estudar latim com o padre Elias, mestre regio, que teve tambem occasião de apreciar a intelligencia vasta de José Mauricio; matriculou-se na aula do Dr. Goulão para estudar philosophia, e fez tantos progressos, que seu mestre o propôz para substituto da cadeira, mas José Mauricio recusou; tinha vocação para a musica, e assim não quiz abandonar a carreira, que parecia ter-lhe sido marcada pela mão da Providencia,

Desejando tomar ordens sacras, achou um protector no negociante Thomaz Gonçalves, que lhe doou a casa n. 22 da rua das Marrecas; tendo esse patrimonio, pôde receber as ordens de diacono e cantar missa solemne em 1792.

Alcançou licença para prégar em 1798, e em 1802 a 1804 estudou rhetorica com o Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

José Mauricio tinha profundo conhecimento da historia e geographia, e das linguas franceza e italiana, não lhe sendo estranho o grego, o inglez e o hebraico.

Em 2 de Junho de 1798, foi nomeado mestre da Capella da antiga Cathedral, recebendo o ordenado de 600~~000~~ rs.

Vivendo sempre pobre, era preciso servir-se da sua arte para sustento seu e de sua familia, mas o que obtinha pelo ensino da musica não lhe sobrava para comprar um cravo; e era com uma viola de cordas metallicas, que ensinava a pratica da arte que professava na sua escola gratuita da rua das Marrecas!

Por decreto de 26 de Setembro de 1803 foi nomeado inspector da musica da real Capella com o ordenado de 600~~0~~ rs. †

E foi sempre esse o ordenado que recebeu dos cofres publicos; e, entretanto, o padre José Mauricio prestava relevantes serviços ensinando gratuitamente a musica, e procurando plantar no paiz o gosto por essa arte cheia de encantos e harmonia!

El-Rei o Sr. D. João VI apreciava tanto o talento de José Mauricio, que sempre o encarregava de compor musicas para as festas reaes, e o convidava, muitas vezes, para tocar piano no paço real.

Em um saráo dado no paço real, depois de José Mauricio ter feito no piano bellas variações de improviso, El-Rei ficou tão enthusiasmado, ouvindo o celebre artista, que tirando da farda do visconde da Villa Nova da Rainha o habito de Christo o collocou com as suas proprias mãos no peito do musico inspirado !

Esse habito existe em poder do nosso mestre e amigo o Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia, que o guarda como uma reliquia sagrada.

Esse bello acto de El-Rei deu alento e vida ao grande artista, que pôde então resistir mais facilmente aos motejos da cõrte, que desprezava o artista brasileiro e de cõr ! Homens despidos de sciencia, e que apenas tinham muito orgulho, olhãõ com escarneo para o eminente artista só por ter a cõr da pelle um pouco mais escura do que a delles ! Mas uma personagem, que estava muito acima de todos, pela sua jerarchia, e pelo seu poder, amava e respeitava o musico brasileiro ; o Sr. D. João VI era amigo do padre José Mauricio.

Apesar da energia da sua intelligencia, e da vastidão do seu talento, era tal o trabalho a que se entregava o padre José Mauricio compondo e ensaiando sempre peças novas, que já em 1816 o grande artista sentia alterações na sua saude, como se pôde crer por um requerimento por elle feito ao Bispo, em que pede licença para dizer missa em casa.

O Senhor D. João VI, querendo dar uma prova de estima ao musico de sua real capella, ordenou que se lhe dêsse uma ração de criado particular do paço ; mas os que governãõ a Ucharia affligião o distincto artista com as suas miserias e baixezas, e desejando elle evitar lutas mesquinhas conseguiu, que a ração fosse mudada em 327 000 rs mensaes.

Essa mesada lhe foi supprimida com a retirada de El-Rei ; e tão feia ingratição, forjada talvez por algum inimigo do pobre artista, o desgostou e commoveu.

A fragata que conduzio a Archiduqueza, primeira Imperatriz do Brasil, trouxe a seu bordo uma banda de musica marcial ;

José Mauricio, que ficara encantado vendo os aperfeiçoados instrumentos trazidos por esses musicos da Europa, tratou de compôr 12 divertimentos de sôpro para essa banda de musica. E o povo reunia-se todas as tardes no largo de S. Jorge, defronte da casa de José Mauricio, para ouvir os ensaios dessas melodias.

O nosso maestro escreveu para o real theatro de S. João a opera *Le due Gemelle*, cuja partitura desapareceu.

Para a festa de Santa Cecilia escreveu uma brilhante partitura, que existe no archivo do Instituto Historico, e que já por tres vezes tem sido cantada na grande festa da advogada dos musicos.

Na fazenda de Santa Cruz compôz, em 15 dias, a grande missa e credo da degollação de S. João Baptista, gastando o distincto musico Marcos Portugal um mez para compôr as matinas.

Esse bello-trabalho de José Mauricio fez realçar mais o seu talento, e até os seus proprios inimigos tiveram então de curvar-se, saudando o artista-genio.

El-Rei applaudio, ainda uma vez, o artista de intelligencia vasta e fecunda. E o Senhor D. João VI nunca se esqueceu do pobre musico; mesmo de Portugal escreveu-lhe uma carta, que pára nas mãos do Sr. Dr. J. M. Nunes Garcia.

Forão immensas as peças de musica escriptas por José Mauricio. No archivo da Capella existem mais de duas mil partituras desse prodigioso artista, que deixou tambem excellentes discipulos, dos quaes contão-se hoje os distinctos musicos os Srs. Francisco Manoel da Silva, e Francisco da Luz. Mas o trabalho insano a que se entregou por muitos annos para satisfazer os desejos de El-Rei, e para cumprir com os deveres de mestre da Capella, fatigou o fecundo artista, e foi deteriorando a sua saude. Coitado! o cysne depois de ter esvoaçado pelos céos cahio de cansaço e fadiga!

A's 6 horas da tarde do dia 18 de Abril de 1830 expirou o padre José Mauricio, cantando o hymno de Nossa Senhora.

O nosso distincto litterato o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, dirigindo-se á casa do finado, á rua do Nuncio n. 18, mandou tirar uma mascara em gêsso das suas feições, que existe no Musêo Nacional. O Sr. Porto-Alegre é tambem ar-

tista, e assim sempre amou e venerou a esse seu irmão e seu amigo.

O conego Luiz Gonsalves quiz ir vestir o cadaver do finado padre, mas o Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia já tinha cumprido esse triste e penoso dever para um filho.

O padre José Mauricio foi sepultado na igreja de S. Pedro, encarregando-se a Irmandade de Santa Cecilia do enterro e do funeral.

O Sr. Dr. José Mauricio mandou reunir em uma urna os ossos de seu pai. E, cousa singular! a urna que guarda os ossos do padre José Mauricio, foi feita para encerrar os ossos do illustre prégador franciscano Frei Francisco de Sampaio!

Os ossos do padre José Mauricio descenção hoje na Igreja do Sacramento, para onde serão transferidos por pedido do Sr. Dr. José Mauricio, e por provisão de Monsenhor Narciso.

Vimos, ha alguns dias, um bello retrato a oleo do padre José Mauricio feito pelo seu filho o Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia.

Depois de 14 annos de penosas tentativas conseguiu o distincto medico gravar na tela as feições do seu saudoso pai!

E' bello ver-se tanta dedicação em um coração de filho, e tanto amor pelas bellas-artes. Só o Sr. Dr. José Mauricio com a sua vontade energica, e com a sua intelligencia vasta, poderia conseguir tanto; esse trabalho honra áquelle que o empreendeu, e é um digno tributo de um filho erguido á memoria de seu pai, que foi um artista sublime.



XI.

FREI FRANCISCO DE SANTA THEREZA DE JESUS SAMPAIO.

Quando o orador sagrado é cheio de eloquencia e philosophia, e dotado de uma dicção energica, de uma phrase castigada e vehemente, as suas palavras tornam-se para as turbas que o ouvem um evangelho, uma lição proveitosa; parece então que do pulpito sahe a verdade, a expressão de Deos. E o povo que ouve o orador christão parece sentir as proposições que elle enuncia, e arrebatado pelas palavras, que partem da tribuna sagrada, eleva-se e suspende-se aos pés da Divindade.

O pulpito torna se então a escola da virtude, da religião e da fé; derrubando a descrença e a duvida, planta nos corações a resignação e a crença.

Felizmente entre nós tem tido a cadeira sagrada oradores distinctos dotados da eloquencia e philosophia de Massillon, e do estylo divino e inspirado de Bossuet, que Lamartine denomina lingua d'ouro.

Os nomes de S. Carlos, Sousa Caldas, Frei Sampaio e Mont'Alverne, lembram oradores religiosos, que faziam das suas palavras sentenças, e que quando subiam á cadeira da verdade, davam tanta belleza e gravidade ás suas expressões, que parecia que as suas palavras bafejadas por Deos, eram tiradas dos labios dos anjos.

Em todos os nossos templos resou a voz eloquente do pregador sagrado Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio; muitos que o ouviram e conheceram ainda guardam a lembrança desse eximio orador, que a todos enthusiasmava com a sua voz grave e vehemente, com a sua palavra de inspirado de Deos.

Frei Sampaio nasceu no Rio de Janeiro, em Agosto de 1778; foram seus pais o negociante Manoel José de Sampaio e D. Helena da Conceição.

A sua brilhante intelligencia e vocação ás letras animaram seus paes a dar-lhe a melhor instrucção.

Perdendo os carinhos de sua mãe, que havia fallecido, e fazendo seu pai segundas nupcias, deixou o joven estudante o mundo e procurou um claustro onde pudesse entregar-se livre e socegado ao cultivo das letras. A 14 de Outubro de 1793 tomou o habito de religioso Franciscano no convento da ilha do Senhor Bom Jesus.

Continuando os seus estudos dirigio-se a S. Paulo, onde applicou-se ás doutrinas philosophicas, ensinadas no convento dos Franciscanos da mesma cidade. Voltando ao Rio de Janeiro, recebeu em 1802, tendo então ordens de presbytero, o diploma de lente de theologia e mestre de eloquencia sagrada.

Os seus sentimentos religiosos, a sua conducta exemplar, e o seu profundo saber, o tornaram logo tão recommendavel á sua Ordem, que por 3 annos occupou o cargo de guardião, depois o de secretario da visita, da provincia, e o de definidor da mesa.

El-rei D. João VI apreciando o talento de tão illustre sacerdote o nomeou pregador da sua real capella em Agosto de 1808; e para patentear mais a estima que tributava a esse padre-mestre o escolheu para examinador da mesa da Consciencia e Ordens.

O homem sabio é respeitado por todos os povos, todas as nações desejam chamal-o seu cidadão, e as sociedades scientificas procuram trazel-o para o seu gremio; a real academia das Bellas-Letras de Munich, apreciando a eloquencia e o talento de Frei Sampaio enviou-lhe o diploma de socio.

Em 1813 foi Frei Sampaio nomeado censor episcopal; e em 19 de Novembro de 1824 deputado da Bulla da Santa Cruzada.

Frei Sampaio, depois de ter honrado a cadeira sagrada de todos os nossos templos, falleceu no seu convento no Rio de Janeiro em 13 de Setembro de 1830, tendo pouco mais de 52 annos.

No seu tempo foi considerado o primeiro pregador sagrado.

A sua voz forte e clara, a sua figura nobre e expressiva, a sua eloquencia facil e fecunda, e o seu gesto imponente e gra-

ve davm aos seus sermões tanta magestade e belleza, que a voz do orador era sempre ouvida debaixo de profundo silencio, enchendo de admiração a todos, que corriam ás igrejas para ouvir o orador christão na tribuna da verdade.

O conego Januario da Cunha Barbosa, fallando de tão distincto pregador, expressa-se assim: — « Uma phrase rica, pensamentos sublimes, estylo magestoso, facilidade de expressão, exemplos bem escolhidos, doutrina solida, figuras brilhantes, posto que algumas vezes atrevidas, quando não podia conter os arrebatamentos do seu genio, emfim uma reunião de qualidades oratorias, que bem poucas vezes se encontram nos ministros da Santa Palavra, sustentavam-lhe o credito de um orador, que honrava a sua religião e a sua patria. »

O craneo de Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio existe em poder do Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia, que o guarda com veneração e amor. Na sua obra, intitulada — Lições de Anthropotomia — descreve o distincto anatomico todos os ossos, que constituem o craneo do illustre pregador franciscano, fazendo sabias observações a esse respeito.

Frei Antonio do Coração de Maria Almeida, digno Ministro Provincial dos Religiosos Franciscanos, desejando elevar um tributo de gratidão e respeito a alguns sabios religiosos da sua Ordem, propoz em mesa definitiva, que se mandasse tirar os retratos de Frei S. Carlos, Rodovalho, Sampaio e Mont'Alverne; a proposta do distincto pregador imperial foi approvada com satisfação.

O retrato de Frei Sampaio, feito pelo artista o Sr. Tirone, foi collocado em uma salla do convento de Santo Antonio em 13 de Junho de 1860, dia da festa do Orago do mosteiro.

Essa homengem, tributada á memoria de Frei Sampaio, mostra o santo entusiasmo que tem pela historia do seu claustro o illustre Padre-Mestre Frei Antonio do Coração de Maria.



JOSÉ LEANDRO.

Os povos os mais civilizados, desde os tempos mais remotos tem protegido e amparado as bellas-artes ; e não é preciso abrir os livros da historia para demonstrar a enunciação dessa idéa ; ahí estão as pyramides do Egypto, as galerias de Roma, os monumentos da Grecia, que attestam o amor e a estima dos antigos povos pelas artes.

O mesmo se nota hoje nas nações que caminham pela estrada do progresso ; na Allemanha, na Inglaterra e na França, merecem as artes toda a attenção e apreço. Entre nós, porém, as luzes da civilisação não nos tem feito comprehender ainda a utilidade que pode provir ao povo e ao paiz do aperfeiçoamento das bellas-artes ; ao povo identificando-o com a idéa do bello, da harmonia, e da ordem, e ao paiz tornando-o notavel aos olhos da civilisação, dando aos seus templos, aos seus edificios, um estylo architectonico, e derramando ordem e graça em todas as suas obras.

Entre nós ainda o artista é orphão ; não se comprehende que haja inspiração e sentimento pelas artes ; denominam louco o homem, que esquecendo-se de si, deixa arrastar-se pelo pó da miseria para ir apanhar o escropo de Phydias, o pincel de Van-Deck, as harmonias de Beethoven !

Julga-se que o homem, armado de uma ampulheta, deve apenas procurar calcular o tempo de tornar-se rico mais depressa ! E no meio dessa agiotagem, dessa sêde de Tantalos pelo ouro, não se comprehende as palavras de Sutter, que diz, que as bellas artes concorrem para o aperfeiçoamento da humanidade, que pondo em movimento as mais nobres faculdades do homem, contribuem para a sua felicidade por um spectaculo de harmonia e de belleza, que o eleva a Deus.

No deserto das nossas tradições artisticas vê-se escripto o

nome de um homem, que foi um pintor illustre ; esse nome é o de José Leandro.

José Leandro nasceu em Magé de uma familia pobre ; não nos foi possível saber o anno do nascimento e da morte desse bello artista ; já não nos custou pouco obter as noticias que offerecemos aos leitores !....

Aprendeu o desenho com o primeiro desenhista, que aqui houve, chamado Manoel Dias, que tambem foi mestre do artista Valentim da Fonseca e Silva.

No tempo do reinado, foi José Leandro o mais notavel pintor historico, e o fiel retratista da época ; vendo qualquer individuo, uma só vez, tomava-lhe as feições e ia depois retratá-lo fielmente ; os melhores retratos que existem de el-rei D. João VI são devidos ao pincel de José Leandro.

Esse artista pintou o tecto da capella-mór da igreja do Bom Jesus, decorou o tecto da varanda da acclamação de el-rei D. João VI, e fez todos os quadros da capella imperial.

Foi tambem bom pintor scenographo ; para o theatro de S. João (hoje de S. Pedro de Alcantara) fez José Leandro bellos scenarios, que poderão competir com os de celebre pintor portuguez Manoel da Costa.

Existem na sacristia da igreja do Parto dous lindos quadros, que descrevem o incendio e a reconstrucção do recolhimento do Parto no anno de 1789.

São dous bellos paineis de José Leandro, onde se pode estudar os nossos trajos do tempo colonial, e onde se veem fielmente retratados o vice-rei Luiz de Vasconcellos e o artista Valentim. E seria conveniente que o governo mandasse recolher a um edificio publico esses dous paineis, pois será sensivel e até prejudicial ás nossas tradições o extravio ou a perda dessas duas telas devidas a um pincel de mestre.

José Leandro era um artista activo e escrupuloso ; cuidava muito das suas tintas e pinceis procurando dar ás suas obras toda a perfeição e gosto.

Homem cortez e affavel, era amado pelos que o conheciam ; com os seus amigos repartia os seus favores.

Amando a sua arte, e tambem a terra do seu berço, procurava ensinar o que sabia a todos que desejavam ser seus discipulos ; e entre esses deve notar-se um seu filho, que traba-

lhava perfeitamente em flores, e Francisco Ignacio de Araujo Lima, que foi bom pintor scenographo, e que falleceu, ha poucos annos, na villa de Vassouras, onde mereceu a estima e confiança dos homens mais notaveis ahi domiciliados.

Havendo um concurso entre todos os pintores, excedeu a todos na execução do quadro do altar-mór da capella imperial, onde vê-se retratada toda a Familia Real.

Em 1831, nessa época de effervescencia politica, e do nosso cataclysmo social, trataram de apagar do painel de José Leandro a imagem desse grande Principe, que deixara patria, filhos e amigos, tendo-nos dado liberdade, poder e independencia.

As revoluções destroem e profanam tudo; quando Cromwel declarou-se protector da Inglaterra foi apeada do seu pedestal e vendida a um cutileiro a estatua equestre de Carlos I, que se via na praça chamada Charing-Cross!

E foi José Leandro o escolhido para lançar a esponja negra sobre o seu painel; o pobre artista teve de subir o monte do sacrificio de Abrahão!

Coitado...., desde então perdeu a alegria e a saude; o suicidio dessa sua obra o tornou triste e melancolico. Exilando-se voluntariamente para Campos, lá acabou os seus dias pobre e esquecido de todos!...

Em 1850, quando se gessou e dorou a capella imperial, o distincto artista o Sr. João Caetano Ribeiro indo retocar o quadro de José Leandro, no qual existia apenas descoberta a imagem de N. S. do Carmo, vio apparecer, por uma simples lavagem os retratos da Familia Real; e então usando do seu talento e pericia restaurou as figuras do painel, fazendo assim resuscitar esse bello monumento artistico, que agora admiramos no altar-mór da capella imperial.

Talvez que José Leandro se animasse a apagar o seu quadro com uma simples camada de colla, pensando que algum dia seria elle restaurado e admirado pela posteridade!

Parece que para os genios não é inteiramente indecifrável o livro do futuro!



XIII.

DR. JOÃO ALVARES CARNEIRO.

Ha mais de 20 annos, que o tumulto guarda os ossos de um homem, que foi, durante quarenta annos, o protector do pobre, o pai do orphão, o arrimo da viuva, o medico do desvalido ! E ainda hoje os infelizes amam e veneram o nome desse homem, que sabia enxugar todas as lagrimas, minorar todas as dôres ; que estendia sempre a sua mão caridosa ao filho da desgraça, que dava allivio ao enfermo, esperança ao desvalido, consolação ao agonisante.

Quando penetrava no tugurio da miseria era sempre para enxugar lagrimas, abafar gemidos, e para dar remedios a dôres e a soffrimentos.

O povo o chamava o pai da desgraça ; o pobre o anjo da caridade, e os enfermos repetiam com gratidão o nome de João Alvares Carneiro.

João Alarves Carneiro nasceu no Rio de Janeiro, no dia 18 de Outubro de 1776. Seus pais, que eram bastante pobres, o deixaram bem cedo orphão e abandonado. Mas o pobre menino achou quem lançasse um olhar de compaixão sobre o seu berço de infancia ; uma familia o amparou, mandou-lhe ensinar as humanidades, e habilitou-o em breve para os estudos secundarios ; João Alvares Carneiro começou a frequentar a escola Medico-Cirurgica.

O seu talento, a sua applicação aos estudos, a sua assiduidade nos trabalhos do Hospital da Misericordia o tornaram logo amado pelos seus mestres, e respeitado pelos seus discipulos.

Consequindo o seu diploma de cirurgião approvedo, continuou João Alvares Carneiro a exercer a sua profissão no Hospital da Misericordia, sendo nomeado cirurgião do Banco.

Desejando aprofundar os seus conhecimentos medicos, em-

barcou para Lisboa ; mas o filho da sciencia tinha tambem de ser martyr do christianismo ; os mouros o aprisionaram e o levaram á Asia. Depois de ter soffrido trabalhos e tormentos voltou a Lisboa.

As saudades da patria, e dos seus protectores o fizeram regressar ao Rio de Janeiro.

Entregou-se então exclusivamente ao exercicio da sua profissão, e em breve os seus conhecimentos profissionaes o tornaram o medico mais procurado desta cidade.

Homem de grande talento e estudo, era dotado de tanto tino medico, que o seu diagnostico era sempre certo e seguido pelos seus collegas, que o ouviam em conferencias. João Alvares Carneiro parecia lêr na estructura dos orgãos os soffrimentos dos enfermos.

Foi medico effectivo do Hospital da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, lugar que renunciou para dal-o a seu amigo o Dr. Luiz Francisco Ferreira.

Mas foi, sobre tudo, pela sua caridade, que tornou-se o cirurgião mais popular do Rio de Janeiro ; nunca se recusava ir visitar o pobre e o desvalido ; ouvia todas as dôres e todos os gemidos, e achava sempre remedios para os que soffriam ; a sua bolsa era dos pobres, e repartia com todos os soccorros da sua profissão.

O povo o venerava ; em uma eleição de eleitores, foi João Alvares Carneiro escolhido eleitor por unanimidade de votos.

Apezar de sua vasta clinica, não se esquecia dos trabalhos litterarios ; desejando illustrar a sua classe fundou a Sociedade de Medicina, hoje Academia Imperial de Medicina, da qual foi por algum tempo Presidente, e constantemente membro de diversas commissões.

João Alvares Carneiro comprehendia a caridade, como a ensinou o Divino Mestre : « Ignore a vossa mão esquerda a esmola, que com a direita houverdes dado ! » Nem á sua esposa dizia elle os beneficios que fazia ; e quando ella lhe fallava nisso, exclamava o santo homem : « São mais as vozes do que as nozes ! »

Indo visitar um doente, no lugar denominado Lazareto, cahio do cavallo, soffrendo grande pancada sobre a cabeça. E então disse elle : « Temo que desta pancada não me resulte

algum mal no 7.º dia. » O habil medico adivinhara ! No dia marcado appareceu-lhe uma contracção nervosa nos musculos do pescoço ; sua esposa, assustada, perguntou-lhe o que era aquillo ; João Alvares Carneiro, tornando-se risonho, respondeu— *são novenas*.— Desde então ficou no leito, do qual só deveria sair para ir dormir no tumulo. Depois de 7 dias de uma molestia cerebral, falleceu a 18 de Novembro de 1837.

Divulgada a noticia da morte do cirurgião distincto e humano, a consternação foi geral ; as familias desvalidas choravam o seu pai, o filho da desgraça o seu protector, os pobres o seu medico e o seu amigo.

No dia do enterro, a praia da Gamboa, onde morava o illustre medico, encheu-se de uma multidão afflicta e pesarosa. O carro funebre era acompanhado por 96 carruagens onde iam os amigos e os homens gratos ao distincto finado ; todos os membros da Academia de Medicina faziam parte do prestito funebre.

Pelas ruas por onde passava o carro, que conduzia o corpo de João Alvares Carneiro, viam-se as lagrimas dos pobres, ouviam-se os lamentos dos infelizes, os gemidos dos desamparados da fortuna.

Todos choravam por esse homem que soubera ser o apostolo da caridade ; era S. João de Deus que ia para o seu sepulchro.

A igreja de S. Bento recebeu, coberta de preto, o corpo do filho de Hippocrates ; os distinctos medicos os Exms. Srs. Conselheiros Jobim, Felix Martins, e os Srs. Drs. De-Simoni, Paula Menezes e Rosa, derramaram então sobre o ataúde do seu collega palavras eloquentes, cheias de unção e verdade : e o Dr. João Alvares Carneiro desceu ao seu jazigo abençoado por todos.

Se os desgraçados tinham perdido o seu anjo da caridade, a corporação medica vicia desaparecer do seu gremio um membro distincto ; e assim a Academia de Medicina tomou luto por 15 dias.

Os ossos do Dr. João Alvares Carneiro existem no Mosteiro de S. Bento, em um bello tumulo mandado preparar pela sua digna esposa.

Sobre esse tumulo caiam estas nossas palavras, não como flôres, porém como lagrimas tristes e saudosas.



XIV.

DR. FRANCISCO JULIO XAVIER.

O medico é o missionario da humanidade, é o homem que consagra aos que soffrem as suas vigalias e cuidados.

Ouvindo as dôres, que todos evitão, os gemidos que contristão todos os corações, assistindo ás scenas, que pungem e magoão todas as almas cumpre o medico a sua missão difficil, porém divina ; como homem soffre quando os outros gemem, porém cala os seus gemidos, esconde as suas lagrimas, e torna-se a esperança, e o consolo daquelles que a molestia martyrisa.

Se ha homem que não se esquece da caridade, é o medico, que sacrifica-se sempre para que os outros vivão ; Larrey adoeceu por ter trabalhado 30 horas seguidas salvando os soldados mutilados e feridos no campo da batalha ; o medico é o martyr da humanidade.

Quando apparecem essas molestias contagiosas que amedrontão a todos, quando a peste assolando um paiz aterra e corrompe a humanidade, vê-se um homem, que esquecendo-se de si torna-se a unica esperança dos desgraçados ; esse homem é o medico.

Nos hospitaes onde só habitão os que soffrem, onde os gemidos e lamentos são continuos, onde se respira um ar envenenado e mortifero, vê-se um homem cheio de abnegação, adoçando os soffrimentos dos enfermos, e procurando debellar os males dos que soffrem ; esse homem é o medico.

Nos campos de batalha, nessas scenas de carnificina e destruição um homem partilha com os guerreiros os rigores da fome, a inclemencia das estações, as fadigas das viagens, e procura salvar os que gemem, curar os feridos, e consolar os moribundos ; esse homem é o medico, que se torna então o

unico representante da philantropia, como diz Droz, nessas scenas de sangue, e de desespero.

E o medico, que esquecendo o interesse, não reclamando a gratidão, dedica assim a sua intelligencia e a sua vida á humanidade, cumpre uma missão divina na terra, e parece o anjo da Providencia estendendo as suas azas brancas e puras sobre os flagelos e desgraças.

E o Doutor Francisco Julio Xavier foi um medico assim; humano e desinteressado curava os que soffrião, sem lembrar-se, que tinha de receber paga do seu trabalho; vivia visitando os enfermos, e estudando as molestias, que affligem a humanidade; dedicava á medicina a sua intelligencia e a sua vida; Deus o tinha de certo predestinado para a sciencia de Hypocrates.

E hoje que onze annos se levantão sobre a cova desse filho da Medicina, procuremos dizer á posteridade, quem era o Doutor Francisco Julio Xavier.

Francisco Julio Xavier nasceu no Rio de Janeiro em 16 de Fevereiro de 1809, e foi baptisado na Igreja do Rosario, antiga Sé e Cathedral.

Seu pai o Dr. Francisco Julio Xavier nascera no Rio de Janeiro em 1 de Outubro de 1780; formado em medicina pela Academia de Pariz, voltou á terra de seu berço onde exerceu a sua profissão durante 30 annos com zelo e intelligencia. Occupou o lugar de Cirurgião-mór da Armada, foi membro honorario da Academia de Medicina, e medico da Real Camara; e depois de uma vida gasta em beneficio da humanidade, falleceu nesta cidade em 12 de Março de 1840.

O Dr. Francisco Julio Xavier que adquirira um nome na carreira medica, quiz tambem que seu filho abraçasse a sciencia do velho Hypocrates.

Depois de lhe ter mandado ensinar as humanidades o matriculou nas aulas de estudo secundario; Julio Xavier estudou o francez com João Caetano Moreira, o latim com o padre Paradella e philosophia com o professor Florencio; em 1823 entrou para a Academia Medico-Cirurgica.

O seu talento vasto, a sua memoria feliz, e a sua inclinação decidida pelos estudos medicos derão-lhe em breve um lugar honroso nos bancos da Academia.

Em 1827, depois de ter frequentado 4 annos da Escola Medico-Cirurgica, Julio Xavier dirigio-se á Pariz, ou para satisfazer os desejos de seu pai, ou para beber conhecimentos mais vastos sobre as sciencias medicas. Ahi o estudante brasileiro conservou a reputação, que adquirira na escola medica do Rio de Janeiro ; honrou o seu paiz.

Apresentando uma these sobre a hepatite obteve o gráo de Dr. pela Academia de Pariz.

Em 1830 chegou á sua patria trazendo profundos conhecimentos de medicina, e principalmente da arte obstetrica, de sorte que algum tempo depois entrou em concurso para a cadeira de partos da escola, d'onde fôra discipulo.

Forão seus concurrentes os Srs. Drs. José Cardoso de Menezes e José Mauricio Nunes Garcia que conseguiu obter o mesmo numero de votos que o Dr. Julio Xavier, que todavia foi o escolhido, tendo escripto uma brilhante these sobre o aleitamento materno.

Nomeado professor de partos por decreto de 22 de Abril de 1833, o Dr. Julio tomou posse de sua cadeira em 13 de Maio do mesmo anno.

No magisterio adquirio um nome honroso e brilhante; além do abalisado conhecimento que tinha da sciencia que professava, tornava-se notavel pela sua locução facil, pela elegancia do seu discurso, pela clareza com que manifestava as suas doutrinas ; e era um professor justiceiro e amigo dos seus discipulos ; sem ostentação nem orgulho expandia as suas idéas procurando inculcá-las á aquelles que o ouvião : os que cercavão a suacadeira de lente o chamavão de amigo. O distincto professor de partos da Faculdade de Medicina o Sr. Dr. Luiz da Cunha Feijó foi seu discipulo ; e tambem aprendeu com elle a arte obstetrica a habil parteira M.^{me} Durocher.

E o Dr. Julio não era só versado nas doutrinas de sua cadeira ; por muitas vezes leccionou sciencias naturaes aos alumnos do 1.^o anno da Escola, mostrando vasta leitura em todas essas sciencias.

Se no professorato adquirio uma reputação distincta, no exercicio de sua profissão medica conseguiu ser considerado o primeiro parteiro de seu tempo.

Então a arte de partos estava, entre nós, em abandono e

atraso ; exceptuando alguns medicos, como o Sr. Dr. José Mauricio, que a exercião com pericia, erão as *comadres*, as que exclusivamente se occupavão de fazer os partos. As *comadres* erão mulheres ignorantes e supersticiosas, que partejavão servindo-se de orações, de palhas bentas, mandando as parturientes soprar em gargallos de garrafa, e collocar no pescoço as chinelas do pobre que batia á porta, ou o chapéo armado do primeiro homem que passava pela rua !

E ás vezes não se limitavão só a essas bugiarias e prejuizos, sacrificavão a pobre que ia ser mãi, e fazião em um momento duas victimas.

Para oppor-se a essa pratica erronea e fatal da arte obstetrica appareceu o Dr. Julio Xavier, parteiro habil e distincto, que começou a manifestar a importancia da sciencia que professava ; foi elle que fez comprehender a necessidade de ir banindo da sciencia as comadres, que se appellidavão parteiras, o que já antes emprehendera o Sr. Dr. José Mauricio ; foi elle que procurou espalhar doutrinas sãas, conselhos proveitosos sobre a arte tocologica.

Perito parteiro praticava com habilidade e delicadeza as mais difficeis e laboriosas operações de partos ; em quanto conversava com a parturiente, que soffria, a livrava de um perigo eminente, manejava com rapidez e pericia o forceps, ou lançando mão de outras operações de mais trabalho e perigo ; e as mãis de familia abençoavão sempre o seu nome.

E era um medico generoso e caritativo, soccorria o pobre no leito da dor e da miseria.

Por decreto da regencia em nome do Imperador datado de 8 de Maio de 1835 a sociedade de Medicina foi convertida em Academia Imperial ; desde então o Dr. Julio Xavier fez parte dessa honrosa associação, da qual tornou-se um membro dedicado e illustre.

Além de tomar parte sempre nos debates scientificos, e de publicar bellos trabalhos no Jornal da Corporação, apresentou uma luminosa memoria sobre a escarlatina, que grassou no Rio de Janeiro em 1842 e 1843, e outra sobre a febre amarella, que appareceu em 1850.

Occupou em duas legislaturas uma cadeira na Assembléa Provincial do Rio de Janeiro ; o seu character nobre, a sua elo-

quencia de orador derão-lhe lugar distincto na representação Provincial.

Em 1844 fez parte da commissão que a Assembléa de Rio de Janeiro enviou ao Paço para cumprimentar SS. MM. II. pelo consorcio da Senhora Princeza D. Januaria com o Sr. Conde d'Aquilla.

Era cavalleiro da Imperial Ordem de Christo, e socio da Sociedade Amante da Instrucção, onde occupou os cargos de conselheiro e consultor.

Exerceu por algum tempo o lugar de medico dos expostos da Santa Casa da Misericordia.

Em 1850 aportou ás nossas praias uma molestia medonha ; appareceu a febre amarella no Rio de Janeiro. Nesse anno de flagello e luto para a população desta côrte, nessa epocha, em que o temor amedrontava a todos, os medicos do paiz fizeram o seu dever ; e o Dr. Julio Xavier acompanhou os seus collegas na sua missão honrosa ; a todos soccorria, trabalhava sem descanso, parecendo não temer nem a fadiga, nem o contagio ; nomeado pela commissão central de saude para soccorrer os pobres da freguezia do Sacramento, aproveitou-se de toda sua sciencia, e cheio de abnegação e caridade procurou arrancar das garras da morte milhares de victimas, que tambem se estorcião no leito da miseria ; e não trabalhou só como medico, servio ao seu paiz como bom patriota, curou e alimentou os pobres ; parecia a Providencia da pobreza.

Mas nesse mesmo anno desceu ao tumulo

No dia 8 de Dezembro, no goso da melhor saude, divertia-se com alguns amigos e collegas, na casa do Sr. Dr. Mariano Antonio Dias ; dava expansão a seu genio jovial e alegre ; mas repentinamente sentio-se afflicto, procurou a sua casa, e quando ahi chegou com um seu collega não levantou-se mais do seu leito. O Sr. Dr. Feital prestou-lhe os primeiros soccorros, e tambem o Sr. Dr. José Mauricio, que servindo-se de uma propria lanceta do distincto cirurgião, que se achava moribundo, tratou de sangral-o, mas era tarde.

Alguns instantes depois o Dr. Francisco Julio Xavier enviou a sua alma ao Céu.

Quando se propalou a noticia da morte do Dr. Julio foi excessiva a dor de seus amigos, e a consternação foi geral.

A sciencia acabava de perder um representante distincto, o magisterio um professor habil, a medicina um cirurgião eminente, a sociedade um cidadão prestimoso.

Os Srs. Drs. Paula Menezes, Severiano e outros medicos fizeram autopsia no cadaver do illustre finado, que veio confirmar o diagnostico já antes determinado pelos facultativos ; o Dr. Julio Xavier succumbio á uma apoplexia cerebral.

O medico generoso e caritativo morre sempre pobre, e o Dr. Julio morreu tão pobre que foi nescessaria a caridade dos amigos para o seu funeral e para a educação de seus filhos.

O Sr. Dr. José Mauricio, os Srs. F. de Paula Brito, João da Rocha Mazaren, e Herculano Luiz de Lima encarregarão-se de fazer o enterro do amigo dedicado que tinham perdido ; e foi numeroso o concurso, que na tarde do dia 9 acompanhou o cadaver do habil parteiro até o cemiterio de S. Francisco de Paula.

Na Imperial Academia de Medicina ficara vazia a cadeira de um socio; era a do Dr. Francisco Julio Xavier. Essa associação sentindo tão prematura morte, nomeou uma commissão para ir levar ao cemiterio o adeus de despedida a esse seu filho distincto ; então o Dr. De-Simone, orgão da Academia, pronunciou as seguintes palavras á beira do sepulchro do Dr. Julio « o nome e a reputação que elle deixa apoz de si não podem morrer, nem ficar sepultados nesta cova, á qual cheios de dor e banhados em lagrimas viemos entregar o seu corpo.»

O Sr. Paula Brito mandou tirar uma mascara em gesso das feições do finado professor ; essa lembrança de um bom amigo foi offertada ao Sr. Dr. José Mauricio.

O Dr. Julio deixou os seus filhos na orphandade e na pobreza, tendo o mais velho 9 annos, o mais moço 21 mezes, além de um para nascer ; mas essas crianças encontrarão em alguns amigos de seu pai um coração igual á aquelle, que tinham perdido.

Educar os orphãos é uma missão divina, e souberão-na cumprir os Srs. Dr. José Mauricio e F. de Paula Brito.

Tres dias depois de ter fallecido o Dr. Julio foi publicado o decreto, que lhe dava o officialato da rosa pelos serviços prestados durante a epidemia da febre amarella !

Coitado ! não pôde colher os louros que o throno lhe offer-
tara pelos seus trabalhos medicos.

Então o Sr. Dr. José Mauricio dirigio-se ao Paço, e pediu
ao Imperador que em troca da graça offerecida ao Dr. Julio
e que della não se podera gosar, partisse do throno um olhar
de compaixão para os filhos do habil medico, que tanto me-
recera de S. M. o Imperador.

Havia muita dor e muita commoção nessas palavras dirigi-
das ao Monarcha por um coração de amigo.

Alguns dias depois uma pessoa appareceu na casa do Sr.
Dr. José Mauricio e entregou-lhe certa quantia.

Erão 500\$000 rs. enviados por S. M. o Imperador e
400\$000 rs. por S. M. a Imperatriz para serem repartidos
pelos filhos do Dr. Julio Xavier.

Se os mortos podem tambem ser gratos, lá do céu o Dr.
Francisco Julio Xavier de certo o foi ao Imperador, á Impe-
ratriz, que estenderão a sua mão caridosa aos filhos do pobre
medico, que tinham ficado orphãos no mundo

Essas quantias tão generosamente offerecidas em beneficio
dos filhos do Dr. Julio forão de tal modo empregadas, que os
filhos desse nosso primeiro parteiro poderão completar a sua
educação.

Uma de suas filhas acha-se casada, e o seu filho no colle-
gio do Sr. Dr. Victorio da Costa, que offereceu-se a educal-o
gratuitamente, logo que o vio orphão pela morte de seu pai.

Racine ao morrer entregou, tranquillo, seus filhos aos seus
amigos ; o Dr. Julio poderia ter feito o mesmo, se a molestia
repentina que lhe absorveu a vida não o privasse de ver junto
de seu leito de agonia, os Srs. Dr. José Mauricio e Francisco
de Paula Brito.

Só corações generosos e dedicados podem encontrar ami-
gos como esses que deixou o Dr. Francisco Julio Xavier.

Ah ! é que elle os sabia amar como elles o amavão, é que
elle sabia comprehender esse sentimento doce e puro, que os
anjos chamão amizade.



FREI FRANCISCO DO MONT'ALVERNE.

A' pouco tempo existia no convento de Santo Antonio desta cidade um frade cego, vergado pelos annos, torturado pela enfermidade, e que attrahia o respeito e veneração de todos; o povo o considerava como a reliquia preciosa do claustro antigo, e olhava para a cella desse frade como se encarasse para um monumento; os homens litterarios do paiz o saudavão como seu mestre, os velhos vião nesse sacerdote, cego á 18 annos, o orador mais distincto da tribuna sagrada, os moços encaravão com assombro para esse monge, porque sabião, que fôra elle o philosopho mais eminente, o orador mais distincto do paiz.

Esse frade era a gloria do seu mosteiro, era um monumento da sua patria.

Na sua mocidade fizera do pulpito sagrado um carro de triumpho; recebera applausos e corôas do povo acostumado a ouvir Frei Sampaio e S. Carlos; se deixava a tribuna da igreja era para colher louros na cadeira do ensino philosophico; todos o consideravão o rei da palavra, o homem inspirado por Deus.

Mas quem era esse homem-rei da tribuna dos templos, quem esse philosopho que Lamartine chamaria a eloquencia; quem era esse cego, que Lopes de Mendonça denominaria uma litteratura? — Era Frei Francisco do Mont'Alverne.

Frei Francisco do Mont'Alverne chamava-se no seculo Francisco José de Carvalho; nasceu no Rio de Janeiro em 9 de Agosto de 1784, e foi baptisado na Sé Cathedral em 24 do mesmo mez e anno; seu pai João Antonio da Silveira nascêra e se baptisára na freguezia do Pico, bispado de Angra, e sua mãe D. Anna Francisca da Conceição tinha nascido e se baptisado na freguezia de N. Senhora da Guia de bispado do Rio de Janeiro.

Ainda nas fchas da infancia Francisco José de Carvalho mostrava uma intelligencia tão viva, que seus pais olhavam cheios de esperanza e fé para o futuro de seu filho.

Depressa aprendeu as humanidades, e desejando ir viver no claustro, entrou para o convento de Santo Antonio em 28 de Junho de 1801, sendo então provincial do Mosteiro Frei Antonio de S. Bernardo Monção.

No seu anno de noviciado mostrou as virtudes do seu coração, a pureza da sua alma, e o talento de que era dotado; professou em 3 de Outubro de 1802.

Em 1804 partio para S. Paulo para receber as lições dos sabios theologos do collegio de sua ordem, sendo então revestido das ordens sacras pelo bispo daquella diocese D. Mathews de Abreu Pereira.

Nos estudos transcendentales de philosophia, rethorica, e theologia, mostrou o joven sacerdote a sua intelligencia vasta, a sua imaginação ardente.

Nas lutas scientificas era delle o triumpho; todos temião a sua logica admiravel, a força do seu raciocinio; os seus argumentos pulverisavam as doutrinas dos seus adversarios, e por fim a sua palavra, como um raio de luz, tornava-se uma verdade admittida por todos que o ouvião.

E desde então começou Mont'Alverne a marcar cada anno de sua vida com alguma honra obtida na sua ordem, ou nas lutas da sciencia; em 1810 foi eleito pregador, substituto de philosophia e oppositor da cadeira de theologia; em 1813 o nomearão lente de philosophia do collegio de S. Paulo.

Na cadeira do ensino philosophico em S. Paulo, tornou-se Mont'Alverne o professor mais distincto daquelles tempos; ahi e no seminario de S. José desta côrte foi elle o mestre de uma geração inteira.

Em 1816 foi escolhido lente de prima do mesmo collegio de S. Paulo, e em 17 de Outubro desse mesmo anno foi honrado com o titulo de pregador regio.

E era na tribuna sagrada, que elle havia de encontrar os louros mais verdes para a sua corôa immortal.

Mont'Alverne com o prodígio de sua eloquencia, com a sua imaginação viva e fecunda, com o seu gesto animado, com a sua voz repassada de unção e verdade, dava tanta belleza e

magestade aos seus sermões, que o povo o ouvia em profundo silencio, que era só interrompido para dar lugar aos applausos que acompanhavão o sublime orador até o retiro de sua cella.

Todos o ouvião com sofreguidão e assombro, admirando a poesia do seu estylo, a riqueza de sua imaginação, os milagres da sua eloquencia. Era o orador predilecto do publico, que sempre tinha applausos para dal-os a esse homem extraordinario. Em quanto occupou o pulpito foi considerado o primeiro pregador christão do paiz.

O Bispo D. José Caetano o nomeou professor de philosophia do seminario de S. José, onde Mont'Alverne leccionou até 1836.

Na cadeira do ensino não teve rival no seu tempo; fervoroso defensor do espiritalismo, dava tanta pompa e poesia á sua palavra, que as suas lições erão ouvidas com enthusiasmo por uma mocidade esperançosa e cheia de talento; muitos dos nossos homens, que tem attingido lugar elevado na litteratura do paiz forão seus discipulos; o Sr. Conselheiro Felix Martins, os Srs. Drs. Domingos Gonçalves de Magalhães, e Manoel de Araujo Porto-Alegre assentarão-se nos bancos das aulas do Padre Mestre Mont'Alverne.

Em 20 de Setembro de 1813 foi Mont'Alverne nomeado examinador da mesa de consciencia e ordens, e em 18 de Novembro do mesmo anno theologo da nunciatura apostolica.

Em 1819 foi declarado guardião do convento da Penha; em 1824 secretario da provincia, e em 1825 custodio da mesa.

Por esse tempo recebeu ainda as nomeações de examinador synodal, e de membro correspondente do Instituto Historico de França. Mas estava predestinado que Mont'Alverne havia de ter a sorte de Augustin Thierry, que ficou prostrado e cego pela sciencia.

A amaurosis, essa molestia terrivel, que absorve a vista sem tirar o brilho dos olhos, fez em breve de Mont'Alverne um cego; então o profundo philosopho, o martyr da sciencia retirou-se ao claustro e fez de sua cella o seu tumulo.

E doze annos viveu elle encerrado no quadrado de sua cella, abandonado por todos, que julgavão, que a molestia tinha nullificado a sua intelligencia de fogo, que o seu cerebro se tinha ossificado em uma noite de doze annos, que o seu talen-

to se tinha apagado no meio das trevas em que vivia o sacerdote de Christo !

Ah ! foi cruenta a agonia porque passou esse sabio, vivendo occulto no silencio do seu claustro, longe do influxo da intelligencia, só, sem ao menos poder achar consolo nos seus livros, e tendo apenas a sua cella para sua enfermaria.

E se não fôra a religião *seu refugio, seu unico consolo, sua estrella*, elle teria succumbido a tanta desventura.

A cegueira obrigou-lhe a deixar o pulpito e a cadeira ; foi jubilado lente do seminario de S. José em 24 de Abril de 1841.

Em 1847 o Instituto Historico e Geographico brasileiro o nomeou seu membro honorario ; em 1848 recebeu igual honra da sociedade Amante da Instrucção.

Mas devia caber aos moços a gloria de despertar do somno do esquecimento esse ancião, que se sacrificára pela sciencia.

Em 1848 alguns moços talentosos crearão uma sociedade litteraria com o titulo de *Ensaio Philosophico* ; em 10 de Dezembro desse anno fizerão a sua sessão inaugural, e convidarão Mont'Alverne para assistir a essa festa litteraria ; ali, no meio do regosijo e de enthusiasmo, offerecerão uma corôa de louro á aquelle que tanto se distinguira na cadeira de Platão, e na tribuna de Massillon.

Ah ! houve então uma scena tocante e sublime ; o distincto cêgo derramando lagrimas de gratidão, improvisou um discurso admiravel, pela poesia e pela eloquencia ; conhecia-se que quem fallava era o orador-philosopho, que conseguira triumphos em dous reinados.

Essa homenagem á superioridade do seu talento o reanimou ; e desde então Mont'Alverne, esse homem de uma erudição vasta, não ficou mais esquecido na cella do seu convento.

Ah ! bem haja a mocidade que fez como que resurgir do tumulto esse sabio, que tanto fizera pelas letras patrias.

O nome de Mont'Alverne devia dar-lhe o direito de gosar de garantias na sua ordem ; o Santo Padre o reconheceu, e por intermedio de Monsenhor Bedini, e com o beneplacito imperial, concedeu em 1850 ao sabio sacerdote, apesar da cegueira, o direito de poder ser definidor, representar no capitulo da ordem, e assignar de chancella.

Em 1851 uma outra sociedade fundada tambem por uma phalange de môços esperançosos o proclamou presidente perpetuo da sociedade *Emulação Philosophica*. Mas julgava-se que esse orador inspirado não subiria mais as escadas da tribuna sagrada ; porém um Principe sabio e justo produzio um milagre, conseguindo que esse velho cégo, quebrado pelos annos, e acabrunhado pela enfermidade, voltasse ao pulpito para fazer ouvir a sua voz eloquente, que se calara á dezoito annos.

Mont'Alverne encarregou-se de orar no dia 19 de Outubro de 1854 na festa de S. Pedro de Alcantara, que costuma ser celebrada na Capella Imperial.

No dia da festividade o templo regurgitava de gente : a sacristia, os corredores, as tribunas e o côro dos musicos estavam cheios ; todos desejavão ouvir o veneravel sacerdote que, á dezoito annos, não apparecia na tribuna sagrada ; e era illustrado o auditorio que enchia a Capella Imperial. Achavão-se presentes SS. Magestades Imperiaes, os grandes do Imperio, e muitas pessoas notaveis na litteratura do paiz.

Mas todos julgavão que esse ancião, que por espaço de 18 annos vivera no meio das trevas, no estreito recinto de uma cella, estivesse exaustado de forças, com a intelligencia enfraquecida, com a imaginação extincta, porém apenas Mont'Alverne começou a orar, a admiração e o enthusiasmo apoderou-se de todos ; na verdade o velho orador conservava ainda a palavra divina, o gesto imponente, a robustez da intelligencia, o fogo da imaginação.

As lages do convento não conseguirão apagar a lava ardente, que animara o seu cerebro.

E era magestoso ver sobre o pulpito esse frade cégo, com o seu braço descarnado, com o seu rosto livido e enrugado, admirando a todos com a sua eloquencia inspirada, com a sua voz, que parecia um brado do céu.

O seu discurso foi magnifico desde o exordio até a peroração ; encantou a todos a poesia do estylo, a grandeza das imagens, a erudição e o sentimento do orador.

O panegyrico de S. Pedro de Alcantara feito nesse dia por Mont'Alverne é bastante para ser por elle considerado uma das altas illustrações do paiz.

Nos limitaremos a transcrever desse discurso o quadro da morte de S. Pedro de Alcantara.

« O lidador tinha já dobrado a meta do estadio que levava de vencida. Exhausto de forças, cahio sobre montões de palmas e grinaldas, que merecera por sua perseverança. Pedro de Alcantara está rodeado de seus irmãos que o observão, chorão, e admirão. O pobre de Jesus Christo despe o seu habito, e pede outro mais velho em que se envolva depois de morto. O superior olha em torno de si, e não encontrando quem ostente tal desprezo, veste a reliquia inestimavel, e lhe dá em troco sua tunica. O corpo do penitente assemelha-se ás raizes resicadas; sua pelle está denegrida e queimada com o fogo da mortificação. O frio da morte agita seus membros lividos e descarnados. Um miço religioso se aproxima, e intenta estender sobre elle um lençol — Retira-te, grita o lutador, ainda ha perigo, o inimigo está em presença, ainda não cessou o combate!.... O Justo imprimio seus labios no signal adoravel da Redempção.... Pedro de Alcantara subio ao throno de Deos.... »

E' bastante este texto para conhecer-se a linguagem poetica e inspirada desse orador sublime.

Quando o orador terminou sua oração, que durou hora e meia, era geral a emoção; todos desejavão aproximar-se do distincto pregador para testemunhar-lhe a sua admiração, e todos louvavão a lembrança do Imperador, por ter feito subir ao pulpito Frei Francisco do Mont'Alverne.

Em 15 de Agosto de 1855, ainda convidado pelo Imperador, Mont'Alverne orou na igreja de N. S. da Gloria.

O tumulto que reinava nessa occasião pelo accumulo do povo em um templo tão pequeno incommodou algum tanto o orador, que todavia fez um discurso como os de Massillon ou Boussuet.

Nesse mesmo anno em 4 de Outubro, assistindo S Magestade o Imperador á uma festa do Convento de Santo Antonio, dignou-se entrar na cella do distincto orador sagrado.

Foi uma homenagem que o throno tributou ao saber.

Mas conhecia-se que de dia em dia Mont'Alverne enfraquecia, as forças o ião abandonando, longo padecimento ia abatendo o seu organismo já alquebrado pelas decepções do mundo e pela idade.

Em 29 de Novembro de 1858 estando em Nietheroy em casa de um amigo foi atacado de uma congestão cerebral; fôrão

inuteis os esforços do medico; Mont'Alverne falleceu ás 11 horas da tarde do dia 2 de Dezembro.

O digno Provincial do convento de Santo Antonio o distincto pregador Frei Antonio do Coração de Maria, que venerava o Padre Mestre Mont'Alverne, desejou embalsamar o seu corpo; e o Sr. Dr. Peixoto prestou-se a isso gratuitamente.

O Imperador mandou uma sua galeota para conduzir o corpo do finado pregador imperial.

Na tarde de 4 de Dezembro chegaram a esta côrte os restos mortaes do illustrado franciscano; posto o caixão em um carro do Paço, foi recebido na ladeira do convento pela Communi-
dade, de cruz alçada, tendo á sua frente o irmão dá Ordem 3.^a da Penitencia, e o seu Provincial.

A Ordem Franciscana determinou fazer um rico enterro á aquelle, que tanto a distinguira.

Foi numeroso o concurso de pessoas gradas e notaveis que assistirão ao funeral de Mont'Alverne; o Sr. Mordomo Paula Barbosa, o Sr. General Cabral e o Sr. Camarista Nogueira da Gama acharão-se presentes a esse acto funebre por ordem do Imperador.

Os Srs. Conego Pinheiro e Porto Alegre fizeram ouvir á beira do sepulchro do sabio philosopho eloquentes palavras.

Encerrado o caixão mortuario forão entregues as chaves ao Mordomo de S. M. o Imperador.

O pulpito, a cadeira, o sacerdocio e o Brazil acabavão de perder um orador sublime, um philosopho eminente, um homem de doutrinas santas, um genio privilegiado.

Era um vulto litterario que honrava o seu paiz e illustrava o seu seculo.

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo fallando desse eximio orador exprimio-se assim:

« Elle não vive mais; sua memoria porém não está sujeita á morte; é um monumento que se encontra por toda a parte, na cella do frade, no pulpito, na cadeira do professor, nos livros que nos legou, nas sociedades litterarias e no coração da patria. »

Mont'Alverne publicou durante a sua vida as suas obras oratorias; admira-se ahí a sua imaginação fecunda, a sua eloquencia inexgotavel, a pureza do seu estilo, e a profundeza de

sua erudição; e em todos os seus discursos sagrados vê-se a sua fé christã e o amor que tinha á sua patria, que tanto soube engrandecer.

No anniversario da morte de Mont'Alverne o distincto Padre-Mestre Frei Antonio do Coração de Maria, Almeida, mandou celebrar um officio solemne; o templo cobrio-se de preto; um rico cenotaphio occupou o seu centro, fez-se ouvir uma musica harmoniosa e triste, e o illustre Provincial da Ordem subio ao pulpito para fazer o elogio do seu sabio irmão....

A linguagem esteve a par do assumpto; esse discurso oratorio do digno Padre Mestre Frei Antonio do Coração de Maria é talvez um dos mais eloquentes trabalhos desse illustre pregador imperial.

Essa homenagem tributada á memoria de Mont'Alverne patenteia o respeito e consideração que Frei Antonio do Coração de Maria consagrava á aquelle, que conseguira ser um vulto magestoso nas letras do paiz.

Sobre a lapida que cobre o sepulchro de Mont'Alverne, no claustro do mosteiro, lê-se esta inscripção :

O M. R. PADRE MESTRE JUBILADO

INSIGNE ORADOR

FREI FRANCISCO DO MONT'ALVERNE

FALLECIDO A 2 DE DEZEMBRO DE 1858.



FIM.

INDICE.

	PAG.
D. Antonio Filippe Camarão	3
André Vidal de Negreiros	6
Jaguarary.	10
Amador Bueno da Ribeira	13
Bartholomeu Lourenço de Gusmão.	16
Joaquim José da Silva Xavier -- Tira dentes.	20
José Basilio da Gama	25
Valentim da Fonseca e Silva	29
O Irmão Joaquim	32
Padre José Mauricio Nunes Garcia.	38
Frei Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio.	43
José Leandro	46
Dr. João Alvares Carneiro	49
Dr. Francisco Julio Xavier	52
Frei Francisco do Mont'Alverne	59



OBSERVAÇÃO

Fallando de José Leandro dissemos ter elle nascido em Magé ; houve engano : esse distincto artista nasceu em Muriqui lugar do districto de Itaborahy , onde ainda residem parentes seus.
